



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

ALECIA OLIVEIRA SANTOS

**AS MULHERES DE ASSUNÇÃO ENTRE O ESPAÇO PÚBLICO E O PRIVADO: A
ARBITRARIEDADE DOS DISCURSOS IMPRESSOS NO CONTEXTO DA GUERRA
DO PARAGUAI (1853-1868).**

SANTO ANTÔNIO DE JESUS-BA

2024

ALECIA OLIVEIRA SANTOS

**AS MULHERES DE ASSUNÇÃO ENTRE O ESPAÇO PÚBLICO E O PRIVADO: A
ARBITRARIEDADE DOS DISCURSOS IMPRESSOS NO CONTEXTO DA GUERRA
DO PARAGUAI (1853-1868).**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado para obtenção do grau de
licenciado (a) em História pela
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
– Campus V.

Orientador: Profº. Dr. Ítalo Nelli Borges.

SANTO ANTÔNIO DE JESUS-BA

2024

FOLHA DE APROVAÇÃO

**AS MULHERES DE ASSUNÇÃO ENTRE O ESPAÇO PÚBLICO E PRIVADO: A
ARBITRARIEDADE DOS DISCURSOS IMPRESSOS NO CONTEXTO DA GUERRA
DO PARAGUAI (1853-1868).**

ALECIA OLIVEIRA SANTOS

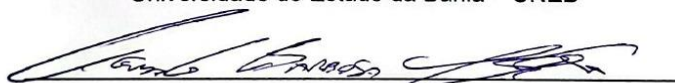
Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado para obtenção do grau de
licenciado (a) em História pela
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
– Campus V.

APROVADA EM 18/12/2024

BANCA EXAMINADORA



Dr. Ítalo Nelli Borges – Orientador
Universidade do Estado da Bahia – UNEB



Dr. Geraldo Barbosa Neto – Examinador
Universidade do Estado da Bahia – UNEB



Dra. Tânia Mara Pereira Vasconcelos – Examinadora
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

SANTO ANTÔNIO DE JESUS-BA

2024

AGRADECIMENTOS

Concluir uma graduação não é uma tarefa fácil, há nesse processo muitos desafios. Os últimos quatro anos vividos na Universidade do Estado da Bahia foram marcados por muitos sentimentos: medo, alegria, empolgação, desânimo, tristeza, amor, esperança, entre outros. A experiência adquirida durante as aulas, viagens de campo, estágios e atividades extracurriculares não serão esquecidas, escrevo, novamente, cumprir essa jornada não foi uma tarefa fácil. Diante disso, quero agradecer, primeiramente, a minha Entidade de fé, sou grata a Deus por ter me sustentado, capacitado e protegido do início ao fim.

Agradeço a minha família, representada na figura da minha mãe, Anália Oliveira dos Santos, e do meu pai, Antônio Oliveira Santos, destaco que não teria alcançado quem sou hoje sem eles, graças ao apoio recebido em casa, financeiro e emocional, consegui completar essa etapa em quatro anos. Tenho muito orgulho dos meus pais, da nossa profissão de lavradores, da nossa terra, da educação que me deram, carrego comigo a honra de ser filha de pessoas tão incríveis e dedicadas. Também sou grata a minha irmã, Caroline Oliveira Nascimento Santana, e ao meu cunhado, Adriel Santana, pelo amparo, auxílio e oportunidade de residir ao lado da Universidade. Além disso, deixo uma menção de gratidão aos demais parentes: primos, primas, tios e tias que torceram pelo meu sucesso durante todo esse período.

Quanto ao meu orientador, Ítalo Nelli Borges, só tenho a agradecer por confiar na minha pesquisa, acreditando que no final tudo daria certo, sua leitura e suas recomendações foram imprescindíveis no processo de conformação desse trabalho. Também destaco a importância dos demais professores do colegiado de História, todos e todas tiveram um papel fundamental na minha formação. Por fim, menciono minhas amigas e amigos: Suilany dos Santos; Nicolly Lessa; Karina Nicodemos e Marley Muniz, expondo minha gratidão por todo apoio, incentivo e companheirismo, sobretudo, a leitura apurada, recomendações e carinho de Robert Costa que além de colega de curso, é meu amigo e companheiro.

RESUMO

Esta produção textual tem por objetivo apresentar uma análise das diferentes representações construídas sobre as mulheres paraguaias nos espaços públicos e privados, por meio da imprensa, antes e durante a guerra do Paraguai (1853-1868). Para tanto, foi selecionado, como fonte principal, um tradicional periódico, *El Semanário de Avisos y Conocimientos Utiles*, que funcionava como folha oficial do Estado paraguaio. Durante seus primeiros anos de circulação, antes da guerra, as mulheres malmente apareciam na sua redação, e quando eram mencionadas, costumavam ser atribuídas somente ao espaço privado do lar. Entretanto, após a eclosão do conflito, esse jornal dedicou muitas páginas para incentivar a participação das mulheres na vida pública. Nesse sentido, essa arbitrariedade do Estado, travestida de *nacionalismo*, atravessou o cotidiano feminino, colocando sobre elas novas demandas. A atuação e engajamento das mulheres foi muito importante nesse período, apesar de estarem sobrecarregadas, algumas viram nesse contexto a possibilidade de adquirirem direitos diante de uma sociedade patriarcal que as reduzia, pejorativamente, somente à esfera privada.

Palavras-chave: mulheres; imprensa; nação; guerra do Paraguai.

ABSTRACT

The aim of this textual production is to present an analysis of the different representations constructed about Paraguayan women in public and private spaces, through the press, before and during the Paraguayan War (1853-1868). To this end, a traditional newspaper, *El Semanario de Avisos y Conocimientos Utiles*, which functioned as the official newspaper of the Paraguayan State, was selected as the main source. During its first years of circulation, before the war, women barely appeared in its editorial staff, and when they were mentioned, they were usually attributed only to the private space of the home. However, after the outbreak of the conflict, this newspaper dedicated many pages to encouraging women's participation in public life. In this sense, this arbitrariness of the State, disguised as nationalism, permeated women's daily lives, placing new demands on them. The involvement and engagement of women was very important during this period, despite being extremely overburdened. Some saw in this context the possibility of acquiring rights in the face of a patriarchal society that pejoratively reduced them to the private sphere.

Key-words: women; press; nation; Paraguayan war.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 - A GUERRA DO PARAGUAI E A INFLUÊNCIA DOS PERIÓDICOS.....	12
1.1 A INTERSECÇÃO DA BIBLIOGRAFIA CLÁSSICA SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI.....	12
1.2 NAÇÃO E NACIONALISMO.....	14
1.3 A HISTÓRIA DA IMPRENSA PARAGUAIA.....	17
2 - VISIBILIDADE DE GÊNERO: A PRESENÇA DAS MULHERES ASSOCIADA À NACIONALIDADE EM TEMPOS DE CRISE.....	19
2.1 GÊNERO E GUERRA.....	20
2.2 O PERIODISMO PARAGUAIO.....	23
2.2.1 As mulheres na imprensa antes da guerra do Paraguai.....	25
2.2.2 As mulheres na imprensa durante a guerra do Paraguai.....	29
3 - AS MULHERES E A CAMPANHA DE DOAÇÃO DE JOIAS AO ESTADO.....	33
3.1 AS MULHERES E O ESPAÇO PÚBLICO-PRIVADO.....	33
3.2 A INFLUÊNCIA DOS MARCADORES DE CLASSE E ETNIA NA PARTICIPAÇÃO FEMININA NA GUERRA DO PARAGUAI.....	35
4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
5 - REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	43
6 - FONTES	46

INTRODUÇÃO

A guerra do Paraguai foi um sangrento conflito Latino-americano, ocorrido entre os anos de 1864-1870, as nações diretamente envolvidas foram: Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. Alguns dos resultados imediatos dessa guerra foram o endividamento da Tríplice Aliança com a Inglaterra e o genocídio da população paraguaia, sobretudo a masculina. Os números de mortos são alarmantes, no que tange aos homens, somente 1,75% sobreviveram (CHIAVENATO, 1990), tal dado não apenas denuncia um prejuízo considerável no contingente populacional masculino, resultado da participação direta nas batalhas, como também abre brechas para refletir acerca de como a sociedade paraguaia do século XIX, patriarcal, se organizou durante a guerra.

Partindo do pressuposto de que o território correspondente ao Paraguai, assim como os de seus vizinhos americanos, foi colonizado pelos europeus, é possível atestar que os povos autóctones sofreram uma série de imposições políticas, econômicas e culturais durante todo o período colonial. Entretanto, o rompimento com a metrópole, em 1811, não significou uma ruptura com todos os “valores” violentamente impostos por séculos, em outras palavras, a conquista da independência paraguaia pôs fim ao colonialismo e não à colonialidade. (QUIJANO, 2005)

Nesse sentido, um dos muitos costumes herdados do período colonial pelo povo paraguaio, que subjuguou a organização social dos povos originários, foi a estrutura familiar patriarcal ocidental. A Socióloga argentina, Maria Lugones, em seus estudos sobre colonialidade e gênero, apontou como o capitalismo eurocêntrico global, constituído por meio da colonização, introduziu as diferenças de gênero onde antes não existiam. No recorte das Américas, por exemplo, havia comunidades *tribais* matriarcais que entendiam o *gênero* em vertentes igualitárias e não no modelo de subordinação, como foram impostas a partir do contato com os europeus.

Os séculos de colonização nas Américas imputaram, dentre outras coisas, o modelo de dominação-submissão dos homens em relação as mulheres. Dessa forma, é possível dizer que a organização das relações de gênero no Paraguai foi diretamente influenciada pela vertente dicotômica eurocentrada do *público-privado* patriarcal. A construção moderna em torno dessas esferas associa o privado à família

e o público a ordem econômica e política (ABOIM, 2012). Assim, as mulheres paraguaias que, costumeiramente, ocupavam o espaço privado, chamadas pelas demandas da guerra, passaram a se envolverem com questões exteriores ao lar, atuando em diversas instâncias do conflito.

A colaboração das mulheres, estava impressa nos periódicos da época que circulavam na capital, Assunção. A imprensa foi um mecanismo significativo utilizado pelo Estado para arbitrar a opinião pública, porém, apesar de ter existido a participação feminina, este fato, ao longo dos anos, sofreu inúmeras tentativas de silenciamento pela historiografia, pois de acordo com Dourado (2005, p.16) “numa sociedade dominada pelo poder masculino, os vestígios femininos desaparecem intencionalmente e com grande facilidade.

Não obstante esse revés, nos últimos anos, a História, enquanto uma ciência, passou por significativas mudanças, questões como essas, antes invisibilizadas, passaram a serem relevantes, pois o alargamento da investigação historiográfica, um dos resultados da história social e cultural, possibilitou um avanço considerável nas pesquisas com abordagens sobre o feminino, o masculino e as relações de gênero. Na década de 40 do século XX, foram identificadas as primeiras inquietações acerca da falta da presença das mulheres na historiografia. A historiadora Norte americana, Mary Beard, em sua obra, *Woman as force in history*¹ (1946), discorreu sobre essa marginalização feminina, pouco tempo depois, a escritora francesa, Simone de Beauvoir, no seu livro, *O segundo sexo*, alavancou um importante debate feminista, qual seja, a criação social da feminilidade e masculinidade. (SOIHET, 1997)

Diante disso, a partir dos anos 60/70 os estudos de gênero foram ocupando espaços nas discussões acadêmicas. Tal nomenclatura foi utilizada, inicialmente, pelas feministas norte americanas, sua definição indicava as *construções sociais*. Além disso, é importante ressaltar que o gênero corresponde ao aspecto relacional entre mulheres e homens, ou seja, nenhum deles pode ser estudado de forma isolada. Posteriormente, essa discussão foi sendo alargada, considerando as articulações entre gênero, classe e raça, o que permitiu a emergência de novos debates sobre esse campo de estudos (SOIHET, 1997).

O termo “gênero”, inicialmente debatido no feminismo norte-americano, surgiu em resposta as discussões que enxergavam as diferenças entre homens e mulheres

¹ Mulher como uma força na História. (tradução nossa)

como um aspecto pautado essencialmente em explicações biológicas. De acordo com Joan Scott (2008, p.65) o gênero é “um elemento constitutivo das relações sociais, que se baseiam nas diferenças percebidas entre os sexos”, ou seja, a historiadora feminista deixa em evidência que as desigualdades percebidas entre homens e mulheres não são frutos anatômicos, mas o resultado de construções discursivas da sociedade.

À face do exposto, esta pesquisa objetiva discutir a arbitrariedade presente nos discursos da mídia impressa paraguaia, acerca da mobilidade feminina entre as esferas pública e privada, antes e durante a Guerra contra a Tríplice Aliança. Para tanto, serão consideradas as aparições e retratações das mulheres, da sociedade paraguaia do início da segunda metade do século XIX (1853-1868), no jornal de maior destaque da época *El Semanário Avisos y Conocimientos Utiles*, que funcionava como folha oficial do Estado. O recorte temporal e espacial dessa pesquisa diz respeito, respectivamente, aos anos, (1853-1868), e ao local, Assunção, de circulação desse periódico.

Fatores como a revolução historiográfica da década de 70, contribuiu para a utilização do jornal enquanto fonte historiográfica, ou seja, a partir da “Nova História”, marcada pelas críticas a História tradicional, que a historiografia se atentou a novos objetos, problemas e abordagens. Assim, a partir da redação do periódico supracitado, é possível observar que antes da guerra as mulheres dificilmente eram mencionadas, porém, durante o conflito seus esforços, em favor da pátria, eram constantemente exaltados e valorados. Por tanto, diante dessa arbitrariedade, atrelada aos conceitos de *Nação, Comunidade Imaginada e Capitalismo Editorial* de Benedict Anderson (2008), entre outros, que esta monografia está estruturada.

A inquietação que serviu de mote para essa pesquisa surgiu em uma das aulas do componente curricular “HST032 - Brasil V do Império ao início da República”, cursada no 5º semestre do curso de licenciatura em História. A partir da leitura da obra *A guerra contra o Paraguai*, do jornalista Julio José Chiavenato (1990), e sua discussão em sala, foi possível observar, considerando os dados dos paraguaios mortos, que no final da guerra a população paraguaia era majoritariamente feminina, nesse sentido, foi esperado que essas mulheres tivessem ocupado a maioria dos cargos públicos do país. Entretanto, a pesquisa foi mostrando que o fato de ter sobrevivido mais mulheres do que homens, não significou que os cargos públicos

fossem repartidos seguindo essa lógica, pelo contrário, o poder foi concentrado nas mãos de um pequeno grupo masculino.

Essa monografia está dividida em introdução, três capítulos e considerações finais. Na introdução, apresento o recorte espacial, o temporal, a motivação, a fonte, o objetivo geral e as divisões da pesquisa. No primeiro capítulo, *A Guerra do Paraguai e a influência dos periódicos*, no tópico, 1.1: *A intersecção da bibliografia clássica sobre a Guerra do Paraguai*, é apresentado duas obras brasileiras marcantes que abordaram esse período, *A guerra contra o Paraguai*, do jornalista Julio José Chiavenato, e *Maldita Guerra*, do historiador Francisco Doratioto. A discussão se remete ao fato de ambas se preocuparem somente com as causas e consequências políticas e econômicas da Guerra, sem se preocuparem com a História Social, e, conseqüentemente, a história das mulheres. No segundo tópico, 1.2: *Nação e Nacionalismo*, é abordado os conceitos presentes nesse título, sobretudo a partir da obra *Comunidades Imaginadas* de Benedict Anderson, e sua conexão com os recortes da pesquisa. O terceiro e último tópico, 1.3: *A história da imprensa paraguaia*, é encarregado de abordar a imprensa paraguaia desde o início até o recorte temporal em questão (1853-1868).

Ademais, no primeiro tópico, 2.1: *Gênero e Guerra*, do segundo capítulo, *Visibilidade de Gênero: a presença das mulheres associada à nacionalidade em tempos de crise*, é trabalhado como as sociedades humanas lidam com as divisões dos “papeis” masculinos e femininos em períodos de guerras, focalizando, sobretudo, no recorte paraguaio. O tópico seguinte, 2.2: *O periodismo paraguaio*, expõe a história da fonte principal dessa pesquisa, o periódico *El Semanário Avisos y Conocimientos Utiles*. A partir desse ponto são abertos dois subtópicos, 2.2.1: *As mulheres na imprensa antes da guerra do Paraguai*, e 2.2.2: *As mulheres na imprensa durante a guerra do Paraguai*. O objetivo desses subtópicos é demonstrar a diferença arbitrária no discurso do Estado, sobre as mulheres paraguaias, antes e durante a guerra do Paraguai.

O terceiro e último capítulo, *As mulheres e a campanha de doação de joias ao Estado*, apresenta dois tópicos, 3.1: *As mulheres e o espaço público-privado*, e o 3.2: *A influência dos marcadores de classe e etnia na participação feminina na guerra do Paraguai*. Eles abordam, respectivamente, os novos debates historiográficos em torno do feminino no espaço público e privado, e como as mulheres de diferentes classes sociais e etnias eram tratadas e retratadas pelo Estado no periódico *El Semanário*

Avisos y Conocimientos Utiles. Por último, as considerações finais trazem a recapitulação, de maneira sumarizada, das principais ideias do trabalho, como também as conclusões da pesquisa.

1 - A GUERRA DO PARAGUAI E A INFLUÊNCIA DOS PERIÓDICOS

1.1 A INTERSECÇÃO DA BIBLIOGRAFIA CLÁSSICA SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI

As causas e as consequências do maior conflito da América Latina é um elemento de muito debate entre pesquisadores, o contexto que envolveu essa guerra foi marcado por interesses e motivações do Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai na Bacia do Rio do Prata. Após um período de instabilidades políticas, independência em 1822, Primeiro Reinado, fase regencial e revoltas separatistas, o Brasil encontrava-se nas mãos de D. Pedro II, tendo imperado no país durante 58 anos. A Argentina estava sofrendo uma fragmentação da política interna, pois havia dois grupos disputando o poder: unitários e federalistas, este cenário foi mudado após a chegada de Bartolomé Mitre na presidência (1862-1868), promovendo a unificação do Estado. (PATRICIO, 2024)

No que tange ao Uruguai, a instabilidade estava ainda mais acentuada, haja vista o recente e conturbado processo de criação do Estado Uruguai, interesses do Brasil e da Inglaterra na sua região e o revezamento dos *Blancos* e *Colorados* no poder. O Paraguai, por sua vez, tinha um histórico de governos autocráticos, após sua independência, em 1811, foi governado por José Rodríguez Gaspar de Francia (1814-1840), conhecido como: *El Supremo Dictador Perpetuo*². Em seguida, Carlos Antônio López, eleito por uma assembleia de deputados, se tornou presidente, seu governo, assim como Francia, durou até sua morte, em 1862. Seu sucessor foi seu filho, Francisco Solano López, que deu continuidade ao seu formato de governo. (PATRICIO, 2024)

² O Supremo Ditador Perpétuo. (tradução nossa)

Diante da difícil conjuntura interna dos países supramencionados e de seus interesses na região da Bacia do Rio Prata, eclodiu, em 1864, após o Paraguai invadir Mato Grosso, a Guerra do Paraguai. Financiados pelo capital inglês, a Tríplice Aliança, Brasil, Argentina e Uruguai, travaram um conflito sangrento, que se estendeu até 1870, contra o Paraguai. Após muitas baixas, o exército paraguaio foi derrotado e seu líder, Francisco Solano López, morto na Batalha de Cerro Corá, o país ficou arrasado, os números de mortos foram alarmantes, um verdadeiro genocídio. Entretanto, apesar da Tríplice Aliança ter derrotado o Paraguai, ela não saiu com uma vitória triunfante, haja vista a acentuada dívida adquirida com os empréstimos da Inglaterra.

A historiografia brasileira da Guerra do Paraguai se deparou com muitas nuances e alguns pesquisadores optaram por seguirem diferentes abordagens. Nesse sentido, ela pode ser dividida em três fases teóricas, a primeira é de viés positivista, escrita majoritariamente por militares que, a partir de suas memórias de combate, alegavam que o Brasil tinha salvado a América do sanguinário ditador paraguaio Francisco Solano López. A segunda, configura-se como revisão historiográfica, esta fase é fortemente marcada pela obra *A guerra contra o Paraguai*, do jornalista Julio José Chiavenato, publicada em 1990.

Dessa maneira, Chiavenato fez duras críticas à historiografia do Império, alegando o domínio de uma tradição historiográfica de servilismo à ideologia dominante e o acobertamento do genocídio paraguaio “É que os mitos não se sustentam apenas pela falsificação da história. A omissão também ajuda na permanência da mentira. E os omissos não correm o risco de ser desmascarados.” (1990, p. 8). Este autor centrou-se em compreender a guerra como o resultado do imperialismo inglês na América Latina, onde os países da Tríplice Aliança, sobretudo o Brasil, foram utilizados como instrumentos para destruírem o desenvolvimento paraguaio. Para atestar essa lógica, Chiavenato expôs.

O império britânico não pode permitir alterações no *status quo* mundial, por mais insignificantes que elas pareçam. [...] Os capitais ingleses estão solidamente enraizados na economia do Brasil, da Argentina e do Uruguai. A Inglaterra não permitirá que um país “bárbaro” como o Paraguai perturbe a “ordem” que lhe permite grandes lucros. (1990, p. 33-34)

Tal concepção, foi criticada, de forma incisiva, pela terceira fase. Seu maior expoente foi o historiador Francisco Doratioto, que, em 1991, publicou a obra *Maldita Guerra: nova história da guerra do Paraguai*, endereçada a Chiavenato, pois alegava

que seu livro era carente de método histórico, além de possuir uma redação demasiadamente apaixonada e ideológica. Nesse sentido, Doratioto contestou uma série de argumentos utilizados pelo jornalista.

É fantasiosa a imagem construída por certo revisionismo histórico de que o Paraguai pré-1865 promoveu sua industrialização a partir "de dentro", com seus próprios recursos, sem depender dos centros capitalistas, a ponto de supostamente tornar-se ameaça aos interesses da Inglaterra no Prata [...]. Também é equivocada a apresentação do Paraguai como um Estado onde haveria igualdade social e educação avançada. A realidade era outra e havia uma promíscua relação entre os interesses do Estado e os da família López, a qual soube se tornar a maior proprietária "privada" do país enquanto esteve no poder[...]. (2002, p. 30)

Esta abordagem objetivou relativizar as anteriores, para Doratioto as causas da guerra do Paraguai eram mais complexas e excediam a vertente positivista e imperialista, pois configurava-se como “[...]resultado do processo de construção dos Estados nacionais no Rio da Prata e, ao mesmo tempo, marco nas suas consolidações” (2002, p.23). Entretanto, a intersecção dessas três fases é marcada pela negligência com a História social, uma vez que o cotidiano foi pouco valorado e grande parte dos *sujeitos comuns*³ que atuaram na guerra foram invisibilizados, por exemplo, as mulheres.

Durante a guerra houve uma vasta participação, direta e indireta, feminina, as paraguaias atuaram em setores como: agricultura, indústria, saúde, campos de batalhas, entre outros. Tais contribuições, foram endossadas principalmente pelo Estado, este utilizava os periódicos que circulavam em Assunção para informar a população sobre o andamento do conflito e depreciar os inimigos. Além de recorrer aos já existentes, o governo se preocupou em criar jornais escritos em guarani e com linguagem mais acessível, a fim de alcançar um maior público de leitores. A semelhança desses periódicos era a presença de uma redação fortemente marcada por ideais valorativos ao Estado-Nação paraguaio, utilizando símbolos nacionais, língua e heróis, para aflorar o *nacionalismo* da população.

1.2 NAÇÃO E NACIONALISMO

³ HOBBSAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780*; tradução de Maria Célia Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

Para compreender essa lógica, é válido refletir acerca dos conceitos de *nação* e *nacionalismo*. Nos últimos anos, os estudiosos que se dispuseram a pesquisar sobre essa temática, propuseram diferentes abordagens. Diante disso, o sociólogo britânico Anthony D. Smith dividiu os estudos sobre o *nacionalismo* em cinco paradigmas: Primordialista, Perennialista, Modernista, Etno-simbolista e Pós-modernista. Entretanto, para pensar o Estado-Nação paraguaio, será considerada a perspectiva modernista, seus principais expoentes são os historiadores: Eric John Ernest Hobsbawm⁴ e Benedict Richard O'Gorman Anderson, com suas respectivas obras: *Nações e nacionalismo desde 1780* e *Comunidades Imaginadas*.

O paradigma modernista considera que as nações e os *nacionalismos* são derivados de processos históricos modernos, no qual os *nacionalismos* são instrumentalizados pelas elites políticas nacionais a fim de criar uma unidade nacional romanceada, essa manipulação e cooptação das massas facilita a manutenção do *status quo*. A partir dessa perspectiva que os autores, anteriormente mencionados, pautaram suas renomadas obras, porém em lugares distintos, pois o recorte espacial de Eric Hobsbawm foi o europeu, e Benedict Anderson foi o Sudeste da Ásia. Apesar das significativas contribuições de Hobsbawm sobre os conceitos de *nação* e *nacionalismo*, a abordagem de Anderson (2008) será priorizada.

Ademais, conectado ao conceito de *nacionalismo* está, indissociavelmente, o conceito de identidade nacional. De modo sumário, pode-se dizer que objetiva reunir sentimentos comuns a serem partilhados e reproduzidos por sujeitos de um mesmo grupamento social, tais sentimentos, proporcionam aos indivíduos a sensação de pertencimento a uma determinada *nação*. Estes conceitos, são caros à historiografia, haja vista seu caráter complexo, uma vez que buscam compreender como as comunidades sociopolíticas são reconhecidas (BARATTA, 2012). Para tanto, é válido

⁴ De acordo com Hobsbawm, as nações não são imutáveis “[...] A ‘nação’ pertence exclusivamente a um período particular e historicamente recente[...]” (p.19) e sua conformação resulta do nacionalismo “[...]As nações não formam os Estados e os nacionalismos, mas sim o oposto” (p.19). No que tange ao significado de Nacionalismo, Eric Hobsbawm respalda-se na perspectiva do filósofo e antropólogo francês, Ernest Gellner. Este, em sua obra *Nações e nacionalismos* (1983), define o conceito supramencionado sob uma ótica substancialmente política “Fundamentalmente um princípio que sustenta que a unidade política e nacional deve ser congruente”. Além disso, Hobsbawm agrega para essa definição a importância do dever político, em contextos extremos (guerras), estar acima de todas as demais obrigações públicas. Tal percepção é imprescindível para compreender a distinção do nacionalismo moderno e formas outras de identificação grupal.

considerar a vertente de Benedict Anderson, para ele a *nação* pressupõe “[...] uma comunidade imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana.” (2008, p.32). Dessa forma, é *limitada*, pois apresenta fronteiras finitas, e *soberana* pelos anseios do *nacionalismo*.

A *nação* é concebida como uma *comunidade*, em razão da *camaradagem horizontal, imaginada*, pois “[...] mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão ou nem sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles[...].” (2008, p.32). À face do exposto, é possível afirmar que não há comunidades “verídicas” e imutáveis, uma vez que são sempre imaginadas para um contexto histórico, com a finalidade de atender as demandas de um determinado grupo de sujeitos, assim, o que as difere são os mecanismos e “estilos” utilizados para tal imaginação.

Nesse sentido, Benedict Anderson (2008) fez uma análise acerca de como os mecanismos impressos, romances e jornais, servem como meios técnicos para retratar uma comunidade imaginada a que pertence uma *nação*. A partir daí, há uma forte influência do *capitalismo editorial*, o qual explicita a forma como uma *nação* usa esses materiais impressos, com histórias arbitrariamente selecionadas, para se tornar uma comunidade sólida. Ademais, a imprensa é um relevante suporte na circulação de discursos públicos, uma vez que muitos deles moldam as representações, os quais possuem caráter arbitrário. (BARATTA, 2012)

Os conceitos utilizados nessa pesquisa são, majoritariamente, ancorados na obra, supramencionada, de Benedict Anderson (2008), pois, a partir de suas contribuições, a sociedade paraguaia, da segunda metade do século XIX, pode ser entendida como uma *Comunidade Imaginada*, pensada por sujeitos, possuidores de poder, que idealizaram uma *nação* de acordo com seus interesses e contexto histórico. Dessa maneira, utilizaram o *capitalismo editorial*, materializado no periódico *El Semanário Avisos y Conocimientos Utiles*, para *imaginar* costumes e reforçarem as instituições sociais da época; a valorização do líder político; o amor exacerbado pela pátria, o casamento, o trabalho e a religião (cristianismo) eram, constantemente, valorados na sua redação, sobretudo durante a guerra contra a Tríplice Aliança.

Após o início desse conflito, foi fundamental para o Estado paraguaio o *nacionalismo* aflorado da população, pois denotava a disponibilidade desses sujeitos em servirem a pátria até a morte, caso fosse necessário. Nesse sentido, a

camaradagem horizontal, pautada na premissa do interesse coletivo de defesa da *nação*, era endossada pelas edições do *El Semanário Avisos y Conocimientos Utiles*. No que concerne ao ideal de mulher da época, a imprensa ora foi utilizada para enquadrá-las no espaço privado, ora para direcioná-las ao espaço público. Estes posicionamentos variavam de acordo com as demandas da guerra, assim, tais conceitos, são imprescindíveis para compreender como o periodismo da época contribuiu para forjar e solidificar os ideais da *nação* paraguaia.

1.3 A HISTÓRIA DA IMPRENSA PARAGUAIA

A invenção da imprensa foi uma conquista expressiva para a sociedade, uma vez que construiu um dos pontos significativos de inflexão na história mundial. O responsável por tal *invento* foi Johann Gutenberg, em Mainz, Alemanha, por volta de 1450, entretanto, há ressalvas acerca desse mérito, pois de acordo com antropólogo britânico Jack Goody, em sua obra *O roubo da História*, no Oriente já havia recursos semelhantes quando a Europa do século XV se utilizou.

[...]da adoção da imprensa, que há muito existia na China, só que, no caso europeu, adaptada a uma escrita alfabética usando tipos móveis. Esse aperfeiçoamento permitiu uma circulação (e acumulação) mais rápida da informação, uma vantagem que as civilizações chinesa e árabe antes tinham experimentado devido ao uso de papel e, para a primeira, da imprensa. (2008, p. 67)

Posto, com idoneidade, a divisão do mérito de gênese da imprensa, é válido destacar que a prensa de Gutemberg marcou, de forma inexorável, as comunidades humanas, pois o acesso as informações passaram a integrar o cotidiano das sociedades, sobretudo na Modernidade.

Ademais, Benedict Anderson, no capítulo *As origens da consciência nacional* do livro *Comunidades Imaginadas*, discorreu sobre o desenvolvimento da imprensa enquanto uma mercadoria “[...]Uma das primeiras formas de empreendimento capitalista, o setor editorial teve de proceder à busca incansável de mercado, como o próprio capitalismo[...]” (2008, p.72). Desse modo, os primeiros editores firmaram sinônimos em várias partes da Europa, e em 1500 já havia mais de vinte milhões de

livros impressos, com o consumo restrito aos letrados europeus, falantes do latim. A saturação desse mercado levou cerca de 150 anos, em resposta, o capitalismo precisou abdicar das publicações somente em latim, falado pelas elites, para publicar edições baratas, em vernáculos, com a finalidade de abranger às massas monoglotas.

Nos anos seguintes, a Europa passou por significativas mudanças, Renascimento, conformações dos Estados Nacionais, expansão marítima entre outras, que demandaram o melhoramento no sistema de informações, objetivando, sobretudo, o aperfeiçoamento nas formas de propagação de conteúdos de cunho político, cultural e ideológico. O aprimoramento tecnológico possibilitou uma considerável expansão da imprensa periódica, principalmente após a Revolução Francesa (1789), dentro e fora do continente europeu. Sob essas influências, a imprensa alcançou às Américas, primeiramente a espanhola e posteriormente a portuguesa. (ALVES, 2009).

No que tange ao Paraguai, a primeira prensa chegou em seu território somente em 1844, um ano depois, foi fundado, por Carlos Antônio Lopez, o primeiro periódico intitulado *O Paraguayo Independiente* (1845), além de criador, o presidente foi responsável, junto com outros colaboradores, pelos artigos publicados. A finalidade principal desse periódico foi reafirmar a independência paraguaia, haja vista o interesse de Buenos Aires em reincorporar o território ao vice-reino do Rio da Plata. Após Carlos Antônio Lopez lograr êxito, conseguindo o reconhecimento da independência, a manutenção do *O Paraguayo Independiente* perdeu sentido, sendo encerrado em 1852. (CARMO, 2020)

Ademais, em 1853 foi criado *El Semanário Avisos y Conocimientos Utiles* a fim de servir como uma folha oficial do Estado, sua circulação durou mais tempo, indo até 1868. Além desse, em 1860 surgiu a revista *La Aurora*, sua singularidade era ser publicada por uma mulher uruguaia, seus conteúdos diziam respeito a variedades de questões culturais, entretanto, teve um tempo curto, parou de circular em 1861⁵. O periodismo paraguaio dessa época foi extremamente marcado pelo monopólio do Estado, praticamente não havia periódicos particulares, tendo em vista os custos elevados de uma prensa e do imposto de dois mil pesos. Além disso, ainda tinham de se adequar aos filtros de publicação do governo. (CARMO, 2020)

⁵ JOHANSSON, M. L. Soldados de papel. La propaganda en la prensa paraguaya durante la guerra de la Triple Alianza (1864-1870). Cádiz: fundación Municipal de Cultura de Cádiz, 2014. CEADUC V.

Por fim, dentro do recorte temporal considerado (1853-1868), foram fundados os chamados periódicos de trincheiras, estes foram utilizados, pelo governo de Francisco Solano Lopez, como potentes armas de combate. Foram criados *El Centinela* (1867-1868), *Cabichuí* (1867-1868), *Cacique Lambaré* (1867-1868), e *La Estrella* (1869-1869), alguns destes foram escritos em guarani, além de possuírem muitas ilustrações, objetivando alcançar o público que não sabia ler. O intuito maior da imprensa desse período foi elevar a moral das tropas, informar/influenciar/arbitrar as camadas populares e menosprezar/humilhar os inimigos aliados. (CARMO, 2020)

Na esfera do trabalho historiográfico, os periódicos são fontes documentais muito significativas que contribuem na investigação e compreensão das sociedades. Ou seja, a partir desses registros, é possível fazer indagações acerca de como eram organizadas as estruturas políticas, econômicas e sociais de determinados grupos humanos. Nesse sentido, por trás desses escritos impressos, ilustrações e fotos, há quem os escreveu, para quem e com quais intenções. O espaço da imprensa configura-se como privilegiado, pois é nele onde há disputa pela hegemonia das representações, uma vez que o dito ou não dito impacta fortemente as massas receptoras. (BARBOSA, 2010)

Portanto, para discutir as representações da *nação* paraguaia no contexto da guerra, foi escolhido o periódico de maior destaque da época *El Semanário Avisos y Conocimientos Utiles*, a partir de agora, será chamado somente de *Semanário*. Este atuava como porta voz do governo, e a princípio seu diretor foi o então presidente da República, Carlos Antônio Lopez, posteriormente um intelectual espanhol, Ildelfonso Antônio Bermejo, assumiu a direção, porém as edições semanais continuaram a serem aprovadas mediante análise do presidente. Em razão disso, é possível perceber na redação do jornal apologia à República governada por Carlos Antônio Lopez e depois pelo seu filho, Francisco Solano Lopez, ambos conduziam um Estado-*nação* onipotente, paternalista e autárquico, desviando da doutrina liberal e do imperialismo inglês, conforme a perspectiva de Anderson (2008).

2 - VISIBILIDADE DE GÊNERO: A PRESENÇA DAS MULHERES ASSOCIADA À NACIONALIDADE EM TEMPOS DE CRISE

2.1 GÊNERO E GUERRA

A prática da guerra é um elemento indissociável da história humana. Tal afirmação pode ser exposta a partir do histórico milenar de combate entre os povos já existentes desde os primórdios dos grupos humanos, em que, apesar de não possuírem os elementos bélicos contemporâneos, disputavam territórios, alimentos, abrigos, entre outros. Segundo Hortensia Moreno (2002):

[...] As evidências indicam que já havia guerra no período imediatamente anterior ao início da história registrada: sabemos que as sociedades pré-históricas tinham tanto a organização social quanto as armas necessárias para a violência intergrupar organizada. A guerra tem raízes profundas. Parece, então, que praticamente não existem sociedades pacíficas. Temos apenas algumas exceções: são comunidades pequenas e isoladas, com muito pouco contato umas com as outras, que vivem nos limites da viabilidade ecológica e em circunstâncias que tornam a guerra impraticável. (p.76, tradução nossa)

As motivações desses confrontos foram sendo moldadas no transcurso da história, primeiro pela necessidade de proteção da organização familiar/grupal e posteriormente pela defesa do Estado (LIMA, 2016, p.15). Charles Tilly, em sua obra *Coerción, capital y los Estados europeos 990-1990*, discorreu acerca do processo de formação de Estados-Nação e como a guerra era importante nessa conformação. Em um de seus capítulos, ele articulou ideias de como a guerra forjou os Estados e de como os Estados forjaram a guerra. Nesta etapa dos conflitos humanos, a guerra já possuía um caráter mais “sofisticado” que atingia de maneira mais complexa as relações sociais.

Para investigar as guerras, pautadas a partir de interesses da modernidade, foi necessário um olhar mais apurado, haja vista as nuances que permeiam o contexto dos Estados-Nação. Dessa maneira, os pesquisadores alargaram a forma de pesquisarem os agentes da guerra, contemplando outros sujeitos:

Tratar de guerras e batalhas foi uma das principais atividades de historiadores ligados à forma tradicional de escrita na historiografia. A narrativa estava concentrada nas causas e consequências das guerras, nas nações em disputa, na atuação de grandes generais e na descrição das grandes batalhas. Narrar as guerras a partir de uma perspectiva de gênero significa, além de uma inovação na escrita da história, a percepção de identidades sendo constituídas e/ou se dissolvendo; além disso, significa observar a guerra como política de gênero. (PEDRO, 2005, p.81)

A questão de gênero e guerra, por exemplo, é um recorte significativo, pois permite compreender as relações entre o masculino-feminino (desiguais) dentro de um contexto atípico (a guerra). Considerar tais desigualdades, possibilita o olhar dos/as historiadores/as para uma camada da população antes silenciada e desprezada pela força do patriarcado, preocupado, até então, com a atuação dos grandes nomes masculinos. Entretanto, dentro de um contexto de guerra, é possível atestar que as dinâmicas dos Estados-Nação sofrem algumas alterações, as mulheres, em muitas ocasiões, precisam ocupar espaços públicos, ditos masculinos, para suprir a falta dos homens que estão no campo de batalha.

Luc Capdevila, em seus estudos sobre as relações de gênero em contexto de guerras, aponta que “a questão das relações homem–mulher são totalmente inscritas no cenário político da guerra. De alguma maneira a guerra politiza as relações de gênero” (2004, p.86). Nesse sentido, esse autor buscou compreender como as guerras podem criar caminhos para transformar os papéis e as fronteiras de gênero. Tal discussão, foi feita a princípio dentro dos recortes da Primeira e Segunda Guerra Mundial, observando que esta abordagem poderia se estender para outros conflitos, o autor se debruçou sobre a Guerra do Paraguai, sobretudo o pós-guerra, onde observou o reforço significativo das fronteiras de gênero.

Outro pensador que discute sobre o tema gênero e guerra, é o Joshua Goldstein, para ele não há nenhum lugar onde os papéis de gênero são tão proeminentes como nas guerras. Nesta esteira de pensamento, o autor elaborou uma pesquisa a partir de provocações tão imbricadas no senso comum, como algo “natural” da humanidade, que questioná-las se tornou subversão; “Por que é coisa de homem? Por que as mulheres são excluídas da guerra?”. Dentro dessa lógica, o autor não só problematiza o porquê dos homens serem “aptos” para matarem, mas também das mulheres estarem predispostas a darem à vida. Para tanto, ele recorreu aos estudos da biologia e os culturais, onde identificou que os conceitos culturais ocidentais de masculino e feminino excedem o sexo biológico, criando uma dualidade e polarização entre homem-mulher como dispositivo organizador. (MORENO, 2002, p.2)

As *comunidades imaginadas*, sobretudo de caráter ocidental, construíram modelos ideais de masculinidade e feminilidade (geralmente opostos). O masculino visa transformar os homens em bons guerreiros para a defesa do Estado. Desse modo, é necessário que haja intensos estímulos e treinamentos para esses sujeitos

alcançarem o êxito no campo de batalha, isto demonstra que a guerra não surge naturalmente na vida dos homens, como algo inato, mas como resultado de discursos, sobretudo nacionalistas. Nesse sentido, Joan Scott (2008, p.72), expõe como o discurso de guerra perpassa a construção de um masculino brutal, pronto para defesa de sua pátria.

(...) A legitimação da guerra – o fato de trincar vidas jovens para proteger o Estado – manifestou-se de muitas maneiras diferentes, por meio de apelos específicos à masculinidade (para a necessidade de defender a vulnerabilidade de mulheres e crianças), de uma dependência implícita na crença no dever dos filhos de servir seus líderes ou seu pai ou rei, e de associações entre masculinidade e força nacional. (tradução nossa)

Em contrapartida, o discurso feminino idealiza a formação de mulheres para o lar, a elas são atribuídas as tarefas de cuidado, maternidade entre outras tarefas domésticas. No que concerne a sua presença em guerras, historicamente, costumam ser mantidas longe dos combates, principalmente pela “explicação biológica” e “faltas de habilidades”, entretanto, Hortencia Moreno (2002, p. 77) afirma.

[...] existem inúmeros casos históricos em que, por várias razões, as mulheres participaram de operações militares e até mesmo em combate. Este registro histórico mostra que as mulheres são capazes de ter um desempenho bem-sucedido na guerra. Assim, a exclusão quase total das mulheres dos papéis de combate não pode ser explicada por sua inerente falta de habilidade; muitas sociedades viveram para a guerra ou pereceram pelo mesmo motivo, mas muito poucas mobilizaram mulheres para lutar [...]. (tradução nossa)

Dessa maneira, apesar das mulheres serem excluídas dos campos de batalhas, sobretudo por motivos culturais que reforçam as fronteiras de gênero, é possível atestar, ainda que de forma indireta, a presença/participação femininas nas guerras.

[...] mesmo que as mulheres não participem da guerra como combatentes, elas são um elemento-chave na sustentação do sistema de guerra. Durante a guerra, a exploração das mulheres se intensifica (embora isso não se aplique a todas as mulheres ou a todas as guerras). Primeiro, a guerra leva mais mulheres ao trabalho sexual em termos ainda mais exploradores (embora essa sexualidade cubra um continuum que inclui reciprocidade em uma extremidade e escravidão na outra). Em segundo lugar, a guerra toma emprestado do gênero um código para relações de dominação e submissão (e não apenas para distinguir a vida normal do combate). Em terceiro lugar, o trabalho remunerado e não remunerado das mulheres (além do trabalho sexual) tem maior peso em tempos de guerra do que em tempos de paz. (MORENO, 2002, p.106, tradução nossa)

Estas citações, exprimem a proeminência dos papéis de gênero em contextos de guerra na modernidade, em que as explorações femininas eram potencializadas, no que se refere a Guerra do Paraguai, há expressivas semelhanças. Assim, o historiador Fernando Lóris Ortolan, em uma de suas pesquisas, trabalhou a situação feminina durante e no pós-guerra do Paraguai, abordando a localização e atuação das diferentes mulheres nesse período.

Ao começar a Guerra, as mulheres camponesas estavam vinculadas às divisões do exército nacional paraguaio, como as mulheres de acampamentos. Muitas eram esposas, companheiras, concubinas, prostitutas ou irmãs dos militares. Os regimentos femininos desempenharam diversas funções no acampamento paraguaio, como as tarefas domésticas de rotina - limpeza e construção de palhoças -, o enterro dos mortos, o transporte de materiais bélicos - canhões e carros de munições - e o eventual apoio na construção da defesa militar. Sua presença, sem dúvida, elevava a moral da tropa, evitando, em parte, a deserção de muitos soldados e criando, de certa forma, um aparente ambiente familiar nos acampamentos. (ORTOLAN, 2007, p.8)

A princípio, como dito na citação anterior, as mulheres camponesas, no início da guerra, foram responsáveis pelas tarefas de cuidados ao redor do combate. Entretanto, com o Paraguai reunindo muitas baixas nas tropas masculinas, essas mulheres foram incentivadas, pela imprensa da época, a pegarem em armas. Diante disso, é importante sinalizar que houve uma significativa diferença entre a participação das mulheres camponesas e as que faziam parte da elite paraguaia.

A *Comunidade Imaginada* paraguaia, correspondente ao período da guerra contra a Tríplice Aliança, foi estimulando as mulheres de diferentes classes a contribuírem com o conflito de acordo com os interesses do Estado. Enquanto as camponesas estavam encarregadas dos trabalhos braçais, as da elite participavam e discursavam em assembleias políticas criadas com o propósito de alavancarem uma campanha de doação de joias ao Estado para custear gastos da guerra. Assim, dentro do recorte *gênero e guerra* é importante considerar as condições econômicas dessas mulheres.

2.2 O PERIODISMO PARAGUAIO

A primeira edição do periódico *Semanário* foi publicada em 21 de maio de 1853, sua circulação foi longínqua, em comparação aos demais jornais paraguaios, durou até 14 de novembro de 1868. Atualmente, está disponível no site da Hemeroteca Digital Brasileira e possui um total de 582 edições digitalizadas. A criação desse jornal foi muito importante para o líder político paraguaio, pois “El periódico tenía la misión de explicar la orientación política del gobierno de Carlos Antonio López, tal como dice él mismo en su mensaje de 1854 al Congreso.”⁶ (FARINA, 2013, p. 43), à vista disso, pode-se dizer que funcionava como a folha oficial do Estado.

O jornal publicava medidas governamentais, econômicas, costumes da época e acordos de navegação, na sua redação era comum encontrar textos de apreciação à *nação* e ao seu presidente:

Dedicado a la Republica del Paraguay y a su dignisimo Presidente el Exmo. Señor don CARLOS ANTÔNIO LOPEZ. Coro. Paraguayos, República, ó muerte! Nuestro brio nos dió libertad; Ni opresores, ni siervos alientan donde reinan union, é igualdad. A los pueblos de América, infausto, tres centúrias un cetro oprimió, mas un dia soberbia surgiendo, Basta! dijo... y el cetro rompió. Nuestros padres, lidiando grandiosos, ilustraron su gloria marcial: Y trozada la augusta diadema, Enalzaron el gorro triunfal[...] (Semanário de 31 de dezembro de 1853. n. 33. p. 1)⁷

Declarações como esta, foram rotineiras nas páginas do *Semanário*, a república era constantemente valorada com uma frase marcante presente na primeira página do periódico *¡viva la república del Paraguay!*⁸. Nos anos iniciais, o presidente, Carlos Antonio Lopez, era o diretor do jornal, porém, alguns anos depois, o cargo foi ocupado pelo espanhol Ildefonso Bermejo, apesar disso, o líder político continuou fazendo parte da aprovação da redação.

Além dos nomes anteriormente citados, o periódico contava com a colaboração de Gumercindo Benítez; Juan Crisóstomo Centurión; Luis Caminos; Julián Aquino; Andrés Maciel; Carlos Riveros; Gaspar López e os sacerdotes Fidel Maíz; José do Rosario Medina; Francisco Solano Espinoza. O espanhol, Ildefonso Bermejo, saiu do

⁶“O periódico tinha a missão de explicar a orientação política do governo de Carlos Antonio Lopez, como ele mesmo afirmou em sua mensagem de 1854 ao Congresso”. (FARINA, 2013, p. 43, tradução nossa).

⁷ Dedicada à República do Paraguai e ao seu digno Presidente o Exmo. Sr. Dom CARLOS ANTÔNIO LOPEZ. Refrão. Paraguaios, República ou morte! Nosso brio nos deu a liberdade; nem opressores, nem servos alentam onde reina a união, e a igualdade. Durante três séculos um cetro oprimiu os povos da América; mas um dia o orgulho se levantou, disse “basta!” e quebrou o cetro. Nossos pais, lutando grandiosamente, ilustraram sua glória marcial: e cortado o augusto diadema, exaltaram o barrete triunfal [...] (Semanário de 31 de dezembro de 1853. n. 33. p. 1, tradução nossa).

⁸ Viva a República do Paraguai. (tradução nossa).

cargo de diretor em 1862, quando deixou o Paraguai, seu sucessor foi o Gumerindo Benítez, morto no final de 1868 na batalha de Pikysry, na mesma temporalidade do encerramento do jornal. O *Semanário* foi a primeira folha jornalística que tratou de diversas competências da *comunidade imaginada* paraguaia, abordando pautas econômicas, políticas e sociais, sua circulação significou a consolidação da imprensa no Paraguai (FARINA, 2013).

O público alvo do *Semanário* eram os sujeitos de uma classe letrada, interessada em assuntos correspondentes a política e a economia nacional e internacional. A redação era publicada em espanhol, dessa forma, uma parcela significativa da população não tinha acesso, uma vez que falavam somente a língua Guaraní. A partir do caráter elitista desse periódico, é possível identificar que a *nação imaginada* desse período se preocupava em estabelecer uma comunicação com as camadas mais abastadas, expondo o viés autárquico e paternalista do governo, conforme a perspectiva de Anderson (2008). No que concerne aos conteúdos, ao longo dos anos, o periódico foi expandindo suas abordagens de acordo com as demandas do Estado. Em razão da sua circulação ter durado 15 anos, o periódico publicou fatos muito importantes para a história do Paraguai, um exemplo foi a guerra contra a Tríplice Aliança (1864-1870).

Dentro do recorte temporal da circulação do *Semanário*, questões semelhantes foram abordadas de distintas formas em diferentes períodos. A representação feminina, por exemplo, se estabeleceu numa vertente entre 1853-1863 (antes da guerra), e sofreu alterações entre 1864-1868 (durante a guerra). No primeiro momento, as mulheres dificilmente eram citadas em sua redação, e nas singulares vezes que apareciam, eram com textos fazendo apologia à vida privada e submissão ao marido. Em contraste, durante a guerra, as mulheres eram constantemente valoradas e incentivadas a ocuparem espaços públicos.

2.2.1 As mulheres na imprensa antes da guerra do Paraguai

Dessa maneira, tendo como esteio o pensamento de Benedict Anderson (2008), pode-se dizer que a *comunidade imaginada* a qual a *nação* paraguaia dos anos de 1850 pertencia, foi pensada por sujeitos de uma elite política patriarcal que,

naquele contexto, enxergava e posicionava as mulheres, por meio do *capitalismo editorial*, como instrumentos da vida privada.

[...]ese pequeno catecismo es un manual, que todas las Senora, y Señoritas debian tenerlo siempre á mano: para adquirir los conocimientos que ofrece: las prácticas de economia domestica, que enseña, necesitarian sus lectoras mucho estudio, y tal vez una costosa esperiencia; cuando el catecismo se los ofrece, y presenta de modo de ahorrarles mucho trabajo : por este solo título, la Sra. Dona Purificacion es digna, y tiene derecho al aprecio, y estimacion de todas las Paraguavas. el catecismo de los Deberes Domésticos encierra todo lo que una madre de familia debe hacer, para llenar las obligaciones mas esenciales de su estado y posicion: desde los medios mas eficaces, para conservar la paz, tan necesari. y tan dulce en la vida de familia, y para hacerse amar, y respetar de todo lo que le rodea, hasta las ocupaciones mas menudas, y mecánicas, conducentes á la economia, y buen orden material, todo lo encuentran en ese pequeño catecismo: en ese mundo, en miñatura [...] (Semanao de 13 de outubro de 1855. n. 126. p. 3)⁹

Intitulado *A las madres de familia y las señoritas, que han de serlo*¹⁰, o texto da Sra. Dona Purificacion foi dedicado a senhora D^a Juana Carrilo de Lopez, esposa de Carlos Antonio Lopez, ele aparece no *Semanao* e objetivava ensinar, em formato de manual, os *deberes domésticos*¹¹ às senhoras e senhoritas de família. Apesar do viés desse escrito, vale ressaltar a singularidade de ter sido produzido por uma mulher, tendo em vista que o periódico era majoritariamente controlado por homens. Ademais, em outro momento, o redator atribui um caráter inato e divino aos papéis masculinos e femininos que são construídos socialmente¹² (LOURO, 1997).

Dios ha dado ó los hombres el amor del ruido y de la gloria; las virtudes brillantes, las sensibles concepciones del genio; la guerra con sus palmas

⁹ [...] este pequeno catecismo é um manual, que todas as Senhoras e Senhoritas devem ter sempre à mão: para adquirir os conhecimentos que oferece: as práticas de economia doméstica, que ensina, exigiriam das suas leitoras muito estudo, e talvez uma experiência custosa; quando o catecismo os oferece, e os apresenta de modo a poupar-lhes muito trabalho: só por este título, a Sra. Dona Purificacion é digna, e tem direito ao apreço e estima de todas as mulheres paraguaias.

O Catecismo dos Deveres Domésticos contém tudo o que uma mãe de família deve fazer para cumprir as obrigações mais essenciais do seu estado e da sua posição: desde os meios mais eficazes para conservar a paz tão necessária e tão doce na vida familiar, e para se fazer amar e respeitar por todos os que a rodeiam, até às ocupações mais servis e mecânicas, condizentes a economia, e boa ordem material, tudo encontram neste pequeno catecismo: neste mundo em miniatura [...] (Semanao de 13 de outubro de 1855. n. 126. p. 3, tradução nossa)

¹⁰ As mães de família e as jovens que vão ser mães. (tradução nossa)

¹¹ Tarefas domésticas. (tradução nossa)

¹² [...]Papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar... Através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas[...]. (LOURO, 1997, p. 24)

triumfales, la ambicion con sú poderoso atractivo y sus brillantes esperanzas; y a las mujeres en el tranqüilo y santo recogimiento dei hogar domésticos, cuantas virtudes le há destinado! virtudes ocultas y modestas, suaves flores abiertas a los ojos de Dios y ruyo tímido rayo esparce a lo lejos alegría felicidad y sublime grandeza. (Semanário de 19 de fevereiro de 1859. n. 257. p. 1)¹³

A partir do trecho anteriormente citado, é possível identificar uma forte presença de preceitos do Cristianismo no discurso impresso, constantemente esse periódico fazia alusões as passagens bíblicas para “justificar” a organização social paraguaia. Nessa edição (19 de fevereiro de 1859. n. 257), o jornal dedicou a área completa do folhetim para o tema *Apologia de la mulher*¹⁴, nesse texto, o redator, de maneira explícita, “justificou” as desigualdades entre os homens e as mulheres, socialmente criadas, a partir da história de Eva, presente em um dos textos do primeiro livro da bíblia, Gêneses:

La muger fué la primera que faltó en el dia del peligro; suya fué la iniciativa em la desobediencia; ella es el primer escalon roto em la via que nos llevaba a Dios: era justo que sufriese la mayor parte del castigo; asi la vemos, desde Eva hasta Maria, desde el paraíso hasta el portal de Belem, esclava del hombre mas bien que su compañera; sobre ella cayeron las fatigas, las labores pesadas, los trabajos vulgares no parece sino que el hombre, rey de la creacion, le niega el derecho do pensar y de vivir intelectualmente. (Semanário de 19 de fevereiro de 1859. n. 257. p. 1)¹⁵

Para o escritor, a culpa pelos desalentos da humanidade estava sobre as mulheres, em razão disso, elas mereciam sofrer as desigualdades e a maldição divina de não possuírem o direito de viverem intelectualmente.

Em consonância, o historiador francês, Jean Léon Marie Delumeau, expôs em sua obra, *História do Medo no Ocidente* (1990), a discussão sobre a mulher como “agente de Satã”, analisando a ambivalência das representações masculinas sobre o feminino.

¹³ Deus deu aos homens o amor do ruído e da glória; as virtudes brilhantes, as concepções sensíveis do gênio; a guerra com as suas palmas triunfantes, a ambição com a sua poderosa atração e as suas brilhantes esperanças; e as mulheres, no sossego e no santo recolhimento do lar doméstico, quantas virtudes destinou! Virtudes ocultas e modestas, flores suaves abertas aos olhos de Deus e cujo tímido raio espalha ao longe a felicidade alegre e a grandeza sublime. (Semanário de 19 de fevereiro de 1859. n. 257. p. 1, tradução nossa)

¹⁴ Apologia a mulher. (tradução nossa)

¹⁵ A mulher foi a primeira a falhar no dia do perigo; foi dela a iniciativa da desobediência; ela é o primeiro passo quebrado na estrada que conduz a Deus. Era justo que ela sofresse a maior parte do castigo; assim a vemos, de Eva a Maria, do paraíso ao portal de Belém, mais escrava do homem do que sua companheira; sobre ela recaíram as fadigas, os trabalhos pesados, os trabalhos vulgares; parece que o homem, rei da criação, lhe nega o direito de pensar e de viver intelectualmente. (Semanário de 19 de agosto de 1854. n. 58. p. 7, tradução nossa)

(...) Tu deverias usar sempre o luto, estar coberta de andrajos e mergulhada na penitência, a fim de compensar a culpa de ter trazido a perdição ao gênero humano (...) Mulher, tu és a porta do diabo. Foste tu que tocaste a árvore de Satã e que, em primeiro lugar, violaste a lei divina (DELUMEAU, 1990, p. 316).

Esta culpabilização do feminino acerca das mazelas sociais, personificada na figura de Eva, foi uma discussão também debatida pela historiadora Vânia Nara Pereira Vasconcelos. Ela escreveu em seu texto, *Visões sobre as mulheres na sociedade Ocidental*, sobre a dicotomia criada entre os modelos de mulher baseados na figura de Eva e Maria.

Maria representa a mulher pura, assexuada, aquela que foi capaz de conceber sem pecar. Enquanto Eva carrega o castigo na sua sexualidade, Maria a redime, mostrando que é possível à mulher cumprir o seu papel de procriadora, sem exercer o desejo carnal. (2005, p.6)

Esta visão que inicialmente circulava pela Europa, com a colonização, foi trazida para as Américas, e possivelmente impactou na *Comunidade Imaginada* paraguaia.

Além das questões envolvendo a religião cristã e os cuidados do lar, o periódico expôs uma circunstância judicial em que as mulheres não tinham o direito de serem testemunhas perante a justiça sem a permissão do marido.

[...] y tanto es así que aun cuando la muger casada se ofreciera, voluntariamente á jurar, y declarar sin la venia de su marido, seria repulsada, y amonestada por el juez, y es el poque no hice mérito de la palabra voluntariamente, introducida em la declaracion de dicha Senora, y tambien por que no queria decir lo que ahora V. S. me fuerza á decir. que esa comparecencia voluntária de muger casada á jurar, declarar, y ratificar sin conocimiento de su marido, no es buena cosa en el derecho nacional paraguay. (Semanário de 19 de agosto de 1854. n. 58. p. 7)¹⁶

Tais fontes exprimem a proeminência do patriarcalismo nessa *comunidade*, o qual posiciona a mulher numa esfera de subserviência por meio das representações sociais. Estas, para Denise Jodelet, “[...] são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção

¹⁶ [...] e tanto que ainda que a mulher casada se oferecesse voluntariamente para jurar e depor sem o consentimento do marido, seria repelida e repreendida pelo juiz, e é porque não fiz mérito da palavra voluntariamente, introduzida na declaração da dita senhora, e também porque não quis dizer o que agora me obriga V. S. a dizer que o comparecimento voluntário de uma mulher casada para jurar, declarar e ratificar sem o conhecimento do marido não é coisa boa no direito nacional paraguaio. (Semanário de 19 de agosto de 1854. n. 58. p. 7, tradução nossa)

de uma realidade comum a um conjunto social” (2001, p.22). Assim, para as representações sociais de gênero existe o ser masculino e o ser feminino, o resultado dessa análise implica em fatores que variam historicamente e culturalmente, pois a depender do valor simbólico, atribuído aos homens e as mulheres em uma determinada *comunidade*, podem surgir comportamentos e representações socialmente adaptadas, como pode ser visto na imprensa do Paraguai à época.

Outrossim, é importante salientar o posicionamento e a distribuição das citações anteriores nas folhas impressas do periódico. Durante o primeiro recorte temporal considerado, 1853-1863, foi significativamente difícil, diante das fontes analisadas, encontrar menções às figuras femininas. Quando encontradas, estavam posicionadas na seção dos Folhetins, pequenos textos em formato de notas de rodapé, ou nas últimas páginas da edição. Esta articulação editorial exprime a forma como o Estado, naquele período, enxergava as mulheres, ou seja, como sujeitos secundários e sem muita relevância para o cotidiano paraguaio.

2.2.2 As mulheres na imprensa durante a Guerra do Paraguai

Os trechos anteriormente citados do *Semanário* foram circunscritos no contexto anterior a Guerra do Paraguai, esta informação configura-se como imprescindível para a compreensão dessa discussão, visto que a partir de 1864 os discursos desse periódico, acerca da questão feminina, tomaram uma nova roupagem. Em outras palavras, a elite política que *imaginou a comunidade* a qual a *nação* paraguaia da década de 50 do século XIX pertencia, malmente citava as mulheres no periódico, e quando mencionava era nos folhetins e nas páginas finais. Já na década posterior, não só disponibilizou muitas páginas para as mobilizações femininas, como também deixou de as nomear como “muger de...” para somente “Señora D^a. Concepcion Galeano”. Tais mudanças foram potencializadas sobretudo pelo conflito contra a Tríplice Aliança.

Como aponta o já citado sociólogo Charlys Tilly, a guerra pode ser entendida como o motor de formação e transformação dos Estados Nacionais. Nesse sentido, o cenário conflituoso que o Paraguai esteve inserido entre 1864-1870 demandou novos posicionamentos do Estado, este investiu muito nos periódicos a fim de aflorar o

nacionalismo da população, utilizando símbolos nacionais para despertar o amor de servir às necessidades da pátria. Assim, diante de um governo apropriado da ideia de *nação* e *nacionalismo*, a guerra torna-se uma experiência que homogeneiza os sujeitos dentro do Estado e heterogeneiza os que estão fora (BARATTA, 2012). Ou seja, os indivíduos que dividem a mesma *nação*, independente de suas diferenças, se unem estabelecendo um “nós” coletivo, nominado de *camaradagem horizontal* por Anderson (2008), em favor de sua *nação* e em oposição as outras.

Diante do conflito, os homens paraguaios foram majoritariamente recrutados para os campos de batalhas, deixando para trás suas famílias e seus trabalhos. A normatividade dessa *comunidade* sofreu impactos, uma vez que as lacunas laborais ditas masculinas precisavam ser preenchidas. Assim, de acordo com Carmo, as mulheres paraguaias “[...]além de continuar com as atividades que já exerciam, também foram pais, professoras, agricultoras, enfermeiras, comerciantes [...]” (2020, p.124). Em razão dessa importância feminina para o cotidiano paraguaio, o governo se atentou em incentivar o vigor nacional das mulheres nos periódicos.

Segundo Fernando Lóris Ortolan, a República de Solano Lopez era muito incisiva com os discursos da imprensa, pois era necessário “[...] convencê-las e certificar-se de sua adesão em caso de necessidade, já que em determinadas situações e estágios da Guerra, elas foram a alternativa para a manutenção e a defesa da Pátria” (2007, p.7). Dessa maneira, o trecho da edição 641 do *Semanário*, circulado em 1866, exemplifica como esses discursos eram arbitrários em favor da pátria:

El Pueblo Paraguayo defiende su libertad, por conciencia, por convicción por honor, por dignidad y por deber, y las altas virtudes que le distinguen; en lucha tan santa, sepa el pueblo de Buenos Aires, que ellos no solamente residen en el pecho fuerte de los varones. Paraguayos, sino que también están arraigadas en el dulce seno, en el tierno corazón de sus mugeres, que son las primeras que dicen «Independencia ó muerte,» Vencer ó Morir», y que son las que, así como hoy dan en lo concerniente á su sexo las pruebas mas elocuentes de su patriotismo, las que cuando el último Varon Paraguayo haya muerto en defensa de la libertad de la Patria, ellas tomarán las armas y mostrarán al mundo que son dignas Madres, dignas esposas, dignas hermanas de aquellos héroes que han sabido cumplir su deber para con Dios y la Pátria. Mostrarán al pueblo de Buenos Aires que la muger Paraguaya nunca será esclava, y que su libertad su dignidad y su honor estan mas arriba que su vida. (Semanário de 4 de agosto de 1866. n. 641. p. 5)¹⁷

¹⁷ O povo paraguaio defende sua liberdade, pela consciência, pela convicção, pela honra, pela dignidade e pelo dever, e pelas altas virtudes que o distinguem; em tão santa luta, que o povo de Buenos Aires saiba que não só reside no peito forte dos homens do Paraguai, mas que também estão enraizados no doce seio, no terno coração de suas mulheres, que são as primeiras a dizer

As mulheres foram convertidas numa *carta coringa*¹⁸ do Estado, era necessário que um grande número estivesse prontamente disponível para servir a pátria, pois em casos extremos, a população feminina seria uma alternativa caso se esgotassem outras fontes de recrutamento (ORTOLAN, 2007). Além disso, é pertinente refletir sobre o trecho anterior expor a participação feminina no espaço público considerando os homens e o espaço privado como referência, uma vez que a redação diz que as mulheres são “[...]dignas Madres, dignas esposas, dignas hermanas de aquellos héroes[...]” (Semanaário de 4 de agosto de 1866. n. 641. p. 5). O periódico difundiu esse modelo ideal de mulheres paraguaias, patriotas, que, unidas pela *camaradagem horizontal*, se contrapunham a Buenos Aires. (ANDERSON, 2008)

O eficaz *capitalismo editorial*, atrelado ao *nacionalismo* exponencialmente afluído, contribuiu para que as mulheres, no segundo recorte temporal considerado (1864-1868), protagonizassem muitos momentos nas páginas do *Semanaário*. Dentre as muitas menções, a paraguaia, Bonifácia Agüero, se destacou ao permitir e incentivar os seus filhos, ainda menores de idade, a se apresentarem ao serviço público:

Actos recomendables: Entre los muchos actos recomendables que se ofrecen á nuestra vista, referentes á demostraciones de patriotismo y decision de los paraguayos de ambos sexos en favor de la causa nacional, contamos el de uno pobre muger llamada Bonifácia Agüero de la Villa del Rosário que en ocasion de las repetidas manifestaciones de los vecinos de sus servicios y haberes para la guerra actual, há descollado con la incansable instancia de que dos hijos menores que le quedaban fuesen tambien destinados al servicio público, y de que solo así quedaria satisfecha en amor á la Patria. (Semanaário de 1 de julho de 1865. n. 584. p. 4)¹⁹

“Independência ou morte”, “Vitória ou Morte”, e que são as que, assim como hoje, dão as provas mais eloquentes de seu patriotismo em relação a seu sexo, aquelas que, quando o último homem paraguaio tiver morrido em defesa da liberdade de seu país, pegarão em armas e mostrarão ao mundo que são mães dignas, esposas dignas, irmãs dignas daqueles heróis que souberam cumprir seu dever para com Deus e o país. Mostrarão ao povo de Buenos Aires que a mulher paraguaia nunca será escrava, e que sua liberdade, sua dignidade e sua honra são superiores à sua vida. (Semanaário de 4 de agosto de 1866. n. 641. p. 5, tradução nossa)

¹⁸ Normalmente, o coringa é uma carta de conteúdo especial, com o desenho de um palhaço, é usada para tornar o jogo mais imprevisível e emocionante, aumentando as possibilidades e estratégias.

¹⁹ Atos recomendáveis: Entre os muitos atos recomendáveis que se oferecem à nossa vista, referentes a demonstrações de patriotismo e decisão dos paraguaios de ambos os sexos em favor da causa nacional, contamos o de uma pobre mulher chamada Bonifácia Agüero da Villa del Rosário que, por ocasião das repetidas manifestações dos vizinhos dos seus serviços e bens para a guerra atual, se destacou com o seu incansável pedido de que dois dos seus restantes filhos menores fossem também destinados ao serviço público, e que só assim ficaria satisfeita no seu amor pela pátria. (Semanaário de 1 de julho de 1865. n. 584. p. 4, tradução nossa)

Nesse período, os responsáveis pela redação do periódico não economizaram folhas para tecerem elogios direcionados as mulheres, constantemente suas atitudes, em favor da pátria, eram citadas e parabenizadas. Um outro exemplo, foi o pedido de uma mulher de pronome Justa Ginez, publicado na edição de número 644, ela solicitou “vestido de homem”²⁰ para lutar diretamente na guerra contra a Tríplice Aliança.

Una muger llamada Justa Ginez, vecin de la Villa Franca que acompaña á su marido do en el Ejército, noticiosa de que iba à haber combate, víno á pedir ardorosamente al General Resquin para que le diese vestido de hombre y an sable para ir á escarmentar tambien á los que venian á arrancarles el honor, y cuando no pudo conseguir su objeto pidió por lo menos ir à los puntos avanzados á cuidar los heridos que hubieren. Actos semejantes deben constar para que la historia tome apuntes de la abnegacion y patriotismo del bello sexo nacional [...]. (Semanário de 25 de agosto de 1866. n. 644. p. 8)²¹

Ao decorrer da guerra, casos como o de Justa Ginez foram se tornando cada vez mais corriqueiros. Um ano após a citação supramencionada, o periódico endossou, novamente, as diversas participações das mulheres na guerra, sobretudo nos campos de batalhas, ao fazer associações entre as paraguaias e as Amazonas²².

La mujer Paraguaya em la actual guerra no ha economizado sacrificios em la defensa comun de la Patria—Diligente y cuidadosa, su mano ha curado las heridas do nuestros defensores; ha labrado la tierra y tejido las telas para vestir al soldado. Pero no satisfecha con estas muestras de patriotismo, busca un nuevo camino, que la conduzan al Templo de la gloria— Quiere sobrepajar em grandeza á las Amazonas. (Semanário de 12 de janeiro de 1867. n. 664. p. 1)²³

Estas citações, expõem a força dos discursos nacionalistas na vida das mulheres e como elas estavam dispostas a lutarem em favor de sua pátria. Entretanto, diante

²⁰ Roupas de homens. (tradução nossa)

²¹ Uma mulher chamada Justa Ginez, moradora da Villa Franca e que acompanha o marido no exército, tendo sido informada de que iria haver combates, veio pedir ardentemente ao general Resquin que lhe desse um vestido de homem e uma espada para que ela também pudesse ir repreender aqueles que vinham roubar-lhes a honra, e quando não conseguiu o seu objetivo, pediu ao menos para ir aos pontos avançados cuidar dos feridos que lá se encontravam. Atos semelhantes devem ser registados para que a história tome nota da abnegação e do patriotismo do belo sexo nacional. (Semanário de 25 de agosto de 1866. n. 644. p. 8, tradução nossa)

²² De acordo com a mitologia greco-romana, as Amazonas, descendentes do deus da guerra Ares, eram consideradas mulheres guerreiras que se dedicavam ao manuseio do arco e flecha.

²³ A mulher paraguaia na atual guerra não se tem poupado a sacrificios na defesa comum da Pátria - diligente e cuidadosa, a sua mão curou as feridas dos nossos defensores; lavrou o solo e teceu tecidos para vestir o soldado. Mas não satisfeita com estes sinais de patriotismo, procura um novo caminho que a conduza ao Templo da glória - quer ultrapassar as Amazonas em grandeza. (Semanário de 12 de janeiro de 1867. n. 664. p. 1, tradução nossa)

dessas colocações, é imprescindível destacar o cuidado de não cair no erro de posicionar as mulheres como sujeitos passivos em todo esse processo de mobilização, ou seja, como meros fantoches do Estado.

De acordo com Eric Hobsbawm, “as nações são, do meu ponto de vista, fenômenos duais, construídos essencialmente pelo alto, mas que, no entanto, não podem ser compreendidas sem ser analisadas de baixo” (1991, p. 20), dessa maneira, é possível estabelecer uma relação de via de mão dupla, onde as mulheres enxergavam, na participação dessa guerra, uma possibilidade de alcançarem direitos políticos e os espaços públicos, haja vista o histórico patriarcal que as restringiam somente à esfera privada. Está lógica de atuação foi expressada por Michelle Perrot, para essa autora “numa sociedade globalmente dominada pelo poder masculino, as mulheres pelo menos exercem todo poder possível” (FLORES, 2010, p.8 apud PERROT, 1996, p.10), ou seja, diante de uma *comunidade* alicerçada no patriarcado, as mulheres utilizavam brechas para agir e resistir nas entrelinhas da História.

No entanto, é importante ressaltar que apesar das mulheres terem aparecido em muitas páginas das edições do *Semanário*, durante a guerra contra a Tríplice Aliança, ainda que ativas, ocupavam posições de mães (desejando as contribuições de seus filhos na defesa da pátria), esposas (acompanhantes de seus maridos no campo de batalha ou que ficavam em casa para trabalharem e sustentarem o lar), enfermeiras (encarregadas de cuidarem dos feridos) e mulheres exploradas sexualmente pelas tropas. Nesse sentido, é possível atestar que mesmo diante de um cenário atípico, causado pelo conflito, as mulheres permaneciam enfrentando, cotidianamente, as dificuldades demarcadas pelo patriarcado enraizado nas instituições sociais paraguaias.

3 - AS MULHERES E A CAMPANHA DE DOAÇÃO DE JOIAS AO ESTADO.

3.1 AS MULHERES E O ESPAÇO PÚBLICO-PRIVADO

Diante desses espaços, público e privado, que permeavam a vida das mulheres paraguaias, mais especificamente da segunda metade do século XIX, torna-se

indispensável suscitar a discussão acerca da dicotomia histórica entre o público e privado como uma dinâmica do pensamento moderno ocidental, sua abordagem é extensa e conta com a percepção de muitos (as) colaboradores (as). De acordo com o sociólogo Jeff Weintraub, é possível dividir as interpretações em quatro grupos. O primeiro, surge da tradição da economia liberal, pautada, sobretudo, no pensamento de John Locke e Adam Smith, em que o público e privado se relacionam com a diferença entre Estado e Mercadoria. Nesse sentido, se produzem outras formas de distinção entre Estado; economia; sociedade civil; família. Nesta celeuma, este último merece um destaque, pois se opõe ao primeiro, expressando o lugar mais privados de todos. (ABOIM, 2012)

O segundo, delinea a esfera do público como um modelo de sociedade civil diferente tanto do Estado quanto do mercado, mas encarregada da criação e sustentação de uma comunidade democrática. Em contrapartida a esse modelo de simetria entre os cidadãos, a esfera privada era restringida ao doméstico, onde ocorriam as relações naturais de desigualdades. Esta interpretação é alinhada a visão de Alexis de Tocqueville, Hannah Arendt e Jurgen Habermas. A terceira leitura, representada por Philippe Ariès, Edward Shorter e Norbert Elias, aponta a esfera pública não apenas como o espaço político, mas como um ambiente de comunicação e extroversão, oposta a vida doméstica no seio familiar. (ABOIM, 2012)

A última abordagem, ancorada nas propostas feministas, buscou associar o privado à família e o público ao espaço político e econômico na tentativa de expor como as desigualdades de gênero estão imbricadas nessa construção dicotômica moderna em torno do *público-privado*. Nesse sistema, há significativas distinções entre os homens e as mulheres, a reprodução massiva dessas diferenças corrobora para a exclusão feminina dos espaços públicos. As críticas trazidas pelo movimento feminista contribuíram para o desmantelamento da compreensão do público e privado enquanto esferas neutras, expondo que é nessa relação que as desigualdades são conformadas. Além disso, outra questão importante, foi a discussão de como o privado foi menosprezado, sobretudo pela modernidade. (ABOIM, 2012)

Além dessas quatro vertentes apresentadas, de acordo com Carole Patman (1989), o público e o privado, para o feminismo, não devem possuir uma separação estanque, mas, guardadas proporções, uma complementação do outro. Afinal é pouco provável imaginar que os homens chegam para atuar na vida pública para trabalharem (políticos, advogados, médicos, entre outras profissões) sem antes terem tomado café

da manhã, dormido bem ou estarem com suas roupas limpas. Nesse sentido, separar o público totalmente do privado torna-se difícil, entretanto, Pateman chama atenção para o cuidado de não confundir público e o privado a ponto de não restar nenhuma dimensão da vida humana preservada da exposição pública.

Diante das perspectivas apresentadas, a discussão acerca das mulheres paraguaias será voltada para as três últimas abordagens, crucial para entender como a vida privada, aqui compreendida como a intimidade, o Eu e a família, foram atravessadas pela vida pública. Nesse sentido, a comunidade paraguaia formada sob as desigualdades de gênero impostas pelo colonizador (LUGONES, 2020), passou por significativas mudanças, sobretudo em razão da guerra contra a tríplice Aliança. Este conflito, apesar de acentuar os papéis de gênero, contribuiu para que as mulheres alcançassem a vida pública. Após a eclosão da guerra, a vida privada foi fortemente atravessada pela vida pública, a partir das citações apresentadas no capítulo anterior é possível observar como as paraguaias sofreram os impactos do cenário conflituoso que sua *nação* estava imersa.

O eficaz *capitalismo editorial*, por meio do *Semanário*, contribuiu para a interferência das questões da vida pública na privada, uma vez que incentivou as mulheres camponesas a acompanharem as tropas, disponibilizando suporte alimentar, cuidado, sexo, entre outras coisas, e a substituírem a mão de obra, ditas masculinas, na agricultura e pecuária. A ideia de *nação* foi tão bem construída e estruturada pelo Estado que ascendeu nas mulheres o desejo de pegarem em armas e lutarem diretamente contra os inimigos. Além disso, o *nacionalismo* atravessou suas relações íntimas da maternidade, foi identificada uma mãe, anteriormente citada, apoiadora do ingresso dos seus filhos, ainda menores de idade, no exército para servir à pátria.

3.2 A INFLUÊNCIA DOS MARCADORES DE CLASSE E ETNIA NA PARTICIPAÇÃO FEMININA NA GUERRA DO PARAGUAI

Dentro do processo da atuação feminina em muitas nuances da guerra, vale discorrer sobre a diferença, anteriormente citada, da classe social dessas mulheres e como esse fator influenciou diretamente nas suas ocupações. Além do marcador de

classe, é importante acrescentar o de etnia, pois ambos foram significativos nesse processo. Nessa esteira de pensamento, a advogada estadunidense, Kimberlé Williams Crenshaw (2002) cunhou o termo interseccionalidade, por meio de uma brilhante metáfora sobre avenidas que se cruzam, expôs como os distintos eixos de poder: raça, etnia, gênero e classe podem intercruzar-se, formando complexas intersecções e atravessamentos, os quais potencializam opressões e desigualdades sociais.

Considerando esses diferentes marcadores, durante a guerra, é possível identificar que o Estado, por meio dos periódicos, apoiava e incentivava a participação das mulheres, em diferentes frentes do conflito, de acordo com sua classe e etnia. Até 1867 o único jornal em circulação foi o *Semanário*, entretanto, sua redação era impressa na língua espanhola e seus conteúdos direcionados a classe abastada, ou seja, o público era limitado e o Estado não conseguia abranger e se comunicar com os populares. Diante desse impasse, o governo, de Francisco Solano Lopez, financiou a criação dos chamados “periódicos de trincheiras”, com uma linguagem mais acessível, *El Centinela* (1867-1868) aderiu a técnica de xilografia, uma vez que grande parte da população não sabia ler, sobretudo as mulheres, e nesse momento de guerra era imprescindível que elas se sentissem parte da *nação*.

Além disso, o Estado investiu nas impressões de trechos em Guaraní, *El Centinela* (1867-1868) e *Cabichuí* (1867-1868), a fim de atingir o maior número de pessoas. Após uma interação positiva dos populares, foi criado um periódico inteiramente escrito em Guaraní, chamado de Cacique Lambaré (1867-1868). No que concerne as mulheres, é possível encontrar propagandas acentuadas as encorajando a pegarem em armas, retratando tal ação como um grande feito heroico. Ademais, o trabalho feminino nos campos era fortemente valorado, as agricultoras e cuidadoras de gado eram incentivadas a continuarem produzindo mantimentos para alimentarem a economia. Outro grupo feminino mencionado, eram as enfermeiras, que poderiam ser mães, irmãs ou esposas, acompanhantes das tropas, encarregadas das tarefas de cuidado.

Entretanto, apesar desses feitos aparecerem de forma harmoniosa e heroica na imprensa, o que não foi dito, porque não interessava ao Estado, era o descontentamento feminino, uma vez que nem todas as mulheres queriam fazer parte dessas contribuições. A fim de não homogeneizar as paraguaias, a historiadora Barbara Potthast (2006) apresentou os dois principais grupos femininos (*residentas* e

destinadas) que atuaram durante o contexto da guerra. A primeira equipe era encarregada de acompanhar, voluntariamente ou obrigatoriamente, o exército paraguaio, elas “[...]Trabajaban como enfermeras, lavanderas, cocineras y más tarde también ayudaron en el transporte de material pesado[...]”²⁴ (2006, p.93), posteriormente foram retratadas, nos estudos sobre a guerra, como heroínas românticas.

As *destinadas* sofreram represálias do Estado, condenadas por crimes políticos, foram consideradas traidoras da pátria, em grande parte, por possuírem vínculos (irmãs, esposas ou conhecidas) com sujeitos envolvidos em conspirações, supostas ou reais, contra o governo do presidente Francisco Solano Lopez. Muitas faziam parte da elite, e apesar de serem agentes ativas nas reuniões patrióticas, não foram poupadas da condenação. De acordo com Potthast (2006), elas eram mandadas para campos de concentração nas montanhas do nordeste do Paraguai, onde passavam a viver em lugares inóspitos, o número estipulado chegou a 3.000 mulheres.

A experiência, anteriormente mencionada, vivida por algumas mulheres da elite não foi retratada nos jornais, o tradicional *Semanário*, por volta de março de 1867, se encarregou de publicar apenas as ações femininas que beneficiavam o Estado, um dos exemplos, foi a campanha de doações de suas joias para custear os gastos da guerra. Tal periódico dedicou vastas páginas de muitas edições para parabenizar e enaltecer essa organização feminina. No dia 02 de março de 1867, o periódico estampou, na primeira página do jornal, o título “La gran Asamblea de las hijas de la Asuncion”²⁵, discorrendo da seguinte forma:

Sublime ha sido el grandioso cuadro que nuestras heroínas han ofrecido con su interesante presencia en las noches del 24, 25, 26 y 27 del pasado Febrero. Celestial y divina se ha ostentado la muger paraguaya en esos momentos de patriótica inspiracion. Angel de las tribulaciones, hizo resonar en coro, su hechicera voz, para ofrecer sus joyas en defensa de los derechos de la Patria. (Semanário de 2 de março de 1867. n. 671. p. 1)²⁶

²⁴ “[...] Elas trabalhavam como enfermeiras, lavadeiras, cozinheiras e, mais tarde, também ajudavam no transporte de material pesado [...]” (2006, p.93, tradução nossa)

²⁵ A Grande Assembleia das Filhas da Assunção. (tradução nossa)

²⁶ Sublime foi o quadro grandioso que as nossas heroínas ofereceram com a sua interessante presença nas noites de 24, 25, 26 e 27 de fevereiro passado. Celestial e divina, a mulher paraguaia mostrou-se nesses momentos de inspiração patriótica. Anjo das tribulações, fez ressoar em coro a sua voz encantadora, para oferecer as suas joias em defesa dos direitos da Pátria. (Semanário de 2 de março de 1867. n. 671. p. 1, tradução nossa)

A partir desse trecho, é possível atestar como a redação do jornal elevava a figura das mulheres paraguaias que faziam parte do movimento de doações de joias. Tal organização foi, consideravelmente, incentivada por Elisa Lynch e seu esposo, Francisco Solano Lopez.

Em razão de ser uma ação muito benéfica e importante para o Estado, a efetuação desse projeto demandou tempo, foram necessárias muitas reuniões em locais públicos. As mulheres passaram a serem chamadas pela redação do periódico de *El Bello sexo Paraguayo*²⁷, suas reuniões eram constantemente mencionadas nas edições, os encontros tomaram proporções tão grandes que criaram uma assembleia oficial para debater e organizar as doações de joias.

Sesion del 24 de Febrero de 1867: La noche del 24 del Febrero, á horas ocho de la noche tuvo lugar en la plaza principal del 14 do Mayo la gran asamblea del bello sexo de la Asuncion. Reunidas todas las clases de la sociedad en numeroso concurso, se viò por primera vez el cuadro magestuoso é imponente de la muger paraguaya ocupando la silla del Patriciado, en medio de un anfiteatro que dominaba todo el âmbito de la Plaza[...] La muger del Paraguay ha ofrecido en esta noche el rasgo mas elocuente de su amor a la Pátria, y su alma noble y grande ha entrado en la plenitud de los derechos con que la dotara el Cielo, tomando parte en los negócios públicos, y formando la primera Asamblea americana, mas importante aun que los antiguos comícios, reunidos bajo las inspiraciones del pueblo rey. (Semanário de 2 de março de 1867. n. 671. p. 1)²⁸

É imprescindível destacar o trecho anterior enquanto uma relação de troca entre o Estado e a população feminina, pois as mulheres passaram não só a ocuparem os espaços laborais e circundantes ao campo de batalha, como também os espaços políticos. À época, pode-se dizer que essa ocupação da esfera pública foi uma grande conquista, haja vista o cenário patriarcal daquela *comunidade imaginada*. Nesse período, as demandas da vida pública estavam demasiadamente afloradas pela guerra, atravessando, dessa forma, a vida privada das mulheres da elite paraguaia. O periódico dedicou praticamente todas as páginas da edição 00671 (1867) à reunião.

²⁷ O belo sexo paraguaio. (tradução nossa)

²⁸ Sessão de 24 de fevereiro de 1867: Na noite de 24 de fevereiro, às oito horas da noite, teve lugar na praça principal de 14 de maio a grande assembleia do belo sexo de Assunção. Reunidas em grande número todas as classes da sociedade, viu-se pela primeira vez o quadro majestoso e imponente da mulher paraguaia ocupando a cadeira do Patrício, no meio de um anfiteatro que dominava toda a área da praça [...] A mulher do Paraguai ofereceu nessa noite o traço mais eloquente do seu amor à pátria, e a sua nobre e grande alma entrou na plenitude dos direitos com que o céu a dotou, tomando parte nos negócios públicos, e formando a primeira Assembleia Americana, mais importante ainda que os antigos comitês, reunidos sob a inspiração do rei povo. (Semanário de 2 de março de 1867. n. 671. p. 1, tradução nossa)

Os debates feitos nos constantes encontros da assembleia, controlada pelas mulheres, passaram a ocupar as edições seguintes, onde o redator escrevia o nome completo da mulher, numa fonte destacada, e suas declarações logo abaixo.

Doña Del Pilar Vazquez de Ozcariz. Conciudadanas: Como paraguaya amante de mi Pátria y del muy sábio Magistrado que nos conduce por el sendero de la felicidad y de las glorias. no dejaré de ofrecer con vosotras al esclarecido Gefe Supremo de la República el humilde contingente de mis alhajas, así como mis brazos y mi vida en sosten de los sagrados derechos de nuestra madre Patria, que se halla amagada por la injusta guerra de la triple alianza. Viva pues, nuestro querido Mariscal Presidente D. Francisco Solano Lopez! Viva la Union, la Libertad y la Justicia! [...] (Semanário de 2 de março de 1867. n. 671. p. 5)²⁹

Este discurso é semelhante a muitos outros registados no *Semanário*, é possível identificar um certo padrão, em que as mulheres saudavam a República do Paraguai, ofereciam suas joias, em razão de um bem maior (a sua *nação*), depreciavam os inimigos e referenciavam seu líder político; Francisco Solano Lopez. Essas mulheres se organizavam em assembleias regionais, correspondentes a sua vila, povoado ou cidade. Tais grupos eram nomeados de acordo com sua região, havia os partidos de Villa Oliva; Caragatay; Horqueta; Arroyos y Esteros; Vila de San Pedro; entre outros. Após as reuniões locais, uma mulher era encarregada de representar seu grupo na assembleia geral, a fim de dialogar, a demanda das doações de joias, com outros partidos.

A edição n° 689, de 6 de julho de 1867, imprimiu os discursos da reunião geral *del bello sexo*. A Sra. D.^a Isabel Dominguez de Maiz, representante do partido de Arroyos y Esteros, expressou, em sua fala, considerações importantes acerca da doação de joias:

[...]para representar á todas las Sras de mi partido, á nombre do todas, debo hablar patentizando que siempre firmes y constantes permanecemos en la misma resolucion que desde un principio tuvimos; antes bien considerando, cuanto bien debe resultar á nuestra amada Pátria por medio de nuestras ofertas, prontas estamos á hacer cualquiera otro sacrificio, seguras que por mas que hagamos, jamas llegaremos a equipararnos ni em lo mas mínimo con los horóico sacrificios y trabajos de nuestro inmortal Presidente y del

²⁹ Dona Del Pilar Vazquez de Ozcariz. Colegas cidadãs: Como paraguaia amante da minha pátria e do sábio Magistrado que nos conduz pelo caminho da felicidade e das glórias, não deixarei de oferecer convosco ao iluminado Chefe Supremo da República o humilde contingente das minhas jóias, assim como meus braços e a minha vida em defesa dos sagrados direitos da nossa pátria, ameaçada pela guerra injusta da tríplice aliança. Viva, pois, o nosso querido Marechal Presidente D. Francisco Solano Lopez! Viva a União, a Liberdade e a Justiça! [...] (Semanário de 2 de março de 1867. n. 671. p. 5, tradução nossa)

invencible Ejército que para el terror de nuestros enemigos con tanta sabidoria manda y dirige. Que esto, Señoras, y todo cuanto hacer podamos, sea para la salvacion de nuestra República, para la incolumidad de nuestra independencia, para corona de inmareesible gloria de nuestro ilustre Mandatario, para el triunfo de nuestras armas y en fin para nuestra paz y bien estar! Viva la República del Paraguay! Viva el ilustre Mariscal Lopez Presidente de la República y General en Gefe de sus Ejércitos! Viva el Ejército Nacional! Viva las Señoras patriotas!³⁰ (Semanário de 6 de julho de 1867. n. 689. p. 2)

Este trecho possibilita um olhar para três aspectos. O primeiro: a notável disponibilidade de servir à *nação*, como uma representante política de um grupo de mulheres, D.^a Isabel Dominguez, afirmou que, assim como ela, suas companheiras estavam dispostas a fazerem outros sacrifícios, além da doação de joias, pela pátria. O segundo: seu apreço e admiração pelas ações do líder político e do exército diante da guerra, ao destacar que as movimentações femininas não se comparavam, em grandiosidade, ao que Francisco Solano Lopez e o exército estavam fazendo pelo Paraguai. E por último: o interesse na vitória do Paraguai, a fim de alcançar a paz e o bem estar.

A declaração de D.^a Isabel Dominguez de Maiz pode ser entendida como um dos resultados de um efetivo processo de propaganda jornalística que, por meio do *nacionalismo*, *capitalismo editorial* e da *camaradagem horizontal*, segundo Anderson (2008), difundiu a valorização, amor e subserviência, exacerbada, à pátria, como também endossava o discurso conservador à época, das ações das mulheres estarem sempre abaixo dos homens. Todavia, as fontes revelam que, de forma intencional ou não, essas mulheres da elite paraguaia, de alguma maneira, estavam envolvidas politicamente com a guerra, e além de contribuírem com sua *nação*, estavam ocupando o espaço público durante conflito contra a Tríplice Aliança.

Diante desse processo, é possível refletir acerca de algumas questões. Apesar das mulheres da elite paraguaia estarem ocupando a vida política, compreendida aqui

³⁰ [...] para representar todas as senhoras do meu partido, em nome de todas elas, devo falar mostrando que continuamos sempre firmes e constantes na mesma resolução que tivemos desde o início; Em vez disso, considerando quanto bem deve advir ao nosso amado país através de nossas ofertas, estamos prontas para fazer qualquer outro sacrifício, certos de que não importa o quanto façamos, nunca seremos capazes de nos igualar, nem um pouco, aos sacrifícios heroicos e obras do nosso Presidente imortal e do Exército invencível que comanda e dirige o terror dos nossos inimigos com tanta sabedoria. Que isto, Senhoras, e tudo o que pudermos fazer, seja para a salvação da nossa República, para a segurança da nossa independência, para a coroa de glória insondável do nosso ilustre Presidente, para o triunfo das nossas armas e, em última análise, para a nossa paz e bem estar! Viva a República do Paraguai! Viva o ilustre Marechal López, Presidente da República e General-Chefe dos seus Exércitos! Viva o Exército Nacional! Viva as senhoras patriotas! (Semanário de 6 de julho de 1867. n. 689. p. 2, tradução nossa)

como um espaço público, estavam atuando sob uma lógica de dominação política masculina, uma vez que o interesse em utilizar o periódico, *Semanário*, para endossar as doações de joias e reforçar a ideia de *nação* partiu do Estado, controlado por homens. Entretanto, esta colocação não oblitera que essas mulheres enxergaram e se utilizaram dessa brecha para participarem da vida pública, apenas demonstra o teor complexo dessas relações, fornecendo margem para mais análises.

No que tange, propriamente, ao ato de doar suas joias, historicamente, é possível afirmar que o fato de possuir esses artefatos, sobretudo em sociedades ocidentalizadas, é sinônimo de poder. Entretanto, somente essa definição configura-se simplista, desse modo, a arqueóloga Jéssica Alexandra Iglésias, acrescenta, a esses adornos pessoais, outros sentidos “[...]as joias tornam-se um reflexo de gosto pessoal, arte, riqueza, investimento de capital e em alguns casos mnemônica para acontecimentos, individualidades ou grupos coletivos.” (2020, p.1838). Tal citação, atrelada aos recortes dessa pesquisa, exprime que as joias doadas ao Estado paraguaio pelas damas, poderiam representar a materialização de laços afetivos, culturais e econômicos, ou seja, detinham um valor considerável na vida dessas mulheres. Nesse sentido, o fato delas se desfazerem desses objetos, demonstram a força do *nacionalismo* em seu cotidiano.

Diante das discussões já levantadas, vale ressaltar que as diferenças econômicas e sociais das mulheres, implicaram nos seus espaços públicos de atuação. As damas que detinham um maior poder econômico, possuidoras de joias, se reuniam nas assembleias supracitadas. As que possuíam menor poder aquisitivo, estavam presentes nos acampamentos, na agricultura e nas indústrias. Portanto, pode-se dizer que apesar dos diferentes atravessamentos que essas mulheres enfrentaram, uma grande parte viu na guerra uma possibilidade de ascender à esfera pública, fazendo do seu cotidiano o que Michelle Perrot chamou de *poder possível*. À vista disso, a *comunidade imaginada* a qual a *nação* paraguaia pertencia, estava passando por alterações, expressando seu caráter mutável, muito bem articulado por Benedict Anderson (2008).

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A guerra do Paraguai chegou ao fim no dia 1 de março de 1870, quando o líder político, Francisco Solano Lopez, foi morto na batalha de Cerro Corá. O país sofreu perdas, econômicas e populacionais, significativas que impactaram a vida dos sobreviventes, sobretudo as mulheres. De acordo com Chiavenato (1990), antes da Guerra o Paraguai tinha 800.000 habitantes, morreram 606.000, sobrando apenas 194.000, desse número 14.000 eram homens, sendo apenas 2100 maiores de vinte anos. Esses números alarmantes mostram o genocídio paraguaio, principalmente o da população masculina. Após o término do conflito o país entrou na fase da regeneração, as mulheres que durante a guerra ocuparam os espaços públicos pegando em armas, acompanhando as tropas, doando as joias, cuidando dos campos, animais, indústrias e feridos, no pós-guerra, foram escanteadas e relegadas, novamente, à esfera privada, dessa vez, pela nova administração do Paraguai.

Apesar das barreiras de gênero adquirirem um caráter mais flexível, durante o conflito, as mulheres ainda continuaram atuando como mães, esposas e irmãs nos espaços privados. Porém, toda essa sobrecarga, atuação e movimentação entre o *público* e *privado* não foi devidamente valorizado, como antes, após 1870. Em razão do término do conflito e da nova administração, os sujeitos, possuidores de poder, passaram a *imaginar* uma nova *comunidade* paraguaia, baseada na velha percepção patriarcal. Nesse período, o semanário não estava mais em circulação, foram criados novos periódicos, estes defendiam a ideia de as mulheres voltarem ao lar e se comprometerem com o repovoamento do país.

Dados posteriores, revelados no manual estadístico de 1886, mostram a ausência da representatividade feminina nos cargos políticos, afinal todas as cadeiras de poder, sem exceção, eram ocupadas por homens. Além disso, a historiografia tradicional foi marcada fortemente pela investigação das causas, motivações e consequências desse conflito, retratando, principalmente, os grandes nomes masculinos envolvidos. Diante disso, apesar do diferente recorte temporal, é possível fazer um paralelo com a obra *América Latina no século XIX: tramas, telas e textos* de Maria Ligia Coelho Prado, onde, no capítulo um, ela discorre sobre a participação feminina nas lutas de independência na América, criticando a historiografia desse período.

A historiadora apontou que após a independência os biógrafos retiraram as mulheres do espaço público, onde possuíam atuação política, e as posicionaram no espaço privado. Em outras palavras, o envolvimento feminino na esfera política, responsável por ajudar a colônia a romper com a metrópole foi ocultado, semelhante ao envolvimento na Guerra do Paraguai. A título de exemplo, uma edição do jornal *La Libertad* impressa em 1874, quatro anos após o término da guerra, expôs o fato da imprensa ser contrária a continuidade das mulheres no espaço público “La misión de la mujer en nuestra sociedad es la de la labor doméstica y la de dar ternura, dejando a los hombres las rudas tareas de la política y la guerra³¹. (*La Libertad* de 27 de abril de 1874. n. 40 p. 2.).

Em conclusão, diante das fontes apresentadas, em especial o periódico *El Semanario de Avisos y Conocimientos Utiles*, foi possível identificar que durante um curto espaço de tempo, 15 anos, as representações sobre as mulheres na imprensa foram marcadas pelos discursos arbitrários do Estado. O contexto atípico gerado pela guerra, por um lado reforçou as identidades de gênero e por outro deu brechas para as mulheres participarem politicamente, alcançando os espaços públicos. Entretanto, isso não significou uma conquista massiva de direitos, pois após a guerra as diferentes mulheres paraguaias tiveram que continuar reivindicando espaço numa sociedade marcada pelas raízes do patriarcado. Por fim, é possível afirmar que esse trabalho de pesquisa trouxe significativas contribuições à historiografia, uma vez que abordou uma camada social historicamente esquecida, servindo de caminho para pesquisas outras acerca do tema trabalhado.

³¹ A missão das mulheres em nossa sociedade é o trabalho doméstico e a ternura, deixando para os homens as tarefas rudes da política e da guerra” (*La Libertad* de 27 de abril de 1874. n. 40 p. 2, tradução nossa).

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALVES, F. N.. **O periodismo gaúcho no século XIX**: breves impressões históricas. Biblos (Rio Grande), v. 23 (2), 2009, p. 137-165.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARATTA, Victoria. A oposição à Guerra do Paraguai em Buenos Aires: uma análise das representações da nação no jornal La América (1866). **Revista Eletrônica Da ANPHLAC**, n.13, 2012, p. 83-108. Disponível em: <https://doi.org/10.46752/anphlac>. Acesso em: 04 dez. 2024.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**. Brasil 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. 266 p.

CARMO, Michel Gomes do. **Imprensa e representações**: imagens de crianças e mulheres no contexto da Guerra do Paraguai (1864 - 1870). 2020. 165 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2020.

CHIAVENATO, Júlio José. **A guerra contra o Paraguai**. São Paulo: Brasiliense, 1990. (Col. Tudo é história, Nº 131)

COLLING, Ana Maria. As chinas gaúchas: a invisibilidade do feminino na Guerra do Paraguai. In: **ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA ANPUH/RS**, XII, São Leopoldo/RS, 2014. **Anais do XII Encontro Estadual de História ANPUH/RS**. Disponível em: http://www.eeh2014.anpuhrs.org.br/resources/anais/30/1405373398_ARQUIVO_Textoanpuhrs.pdf. Acesso em: 04 dez. 2024.

CRENSHAW, Kimberle. Documento para o Encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, 2002, p. 171-187.

DELUMEAU, Jean. Os agentes de Satã III: a mulher In: DELUMEAU, **História do Medo no Ocidente: 1300-1800**. São Paulo: Cia. das Letras, 1990, pp. 310-349.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra**. Nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

DOURADO, Maria Teresa Garritano. **Mulheres comuns, senhoras respeitáveis**: a presença feminina na Guerra do Paraguai, 2005. Dissertação de Mestrado. Campo Grande, MS, UFMS, 2005.

FARINA, Bernardo Neri. **El periodismo de guerra**. (org) 150 años de la guerra grande - N° 09. 2013. 127 p.

FLORES, Hilda Hubner. **Mulheres na Guerra do Paraguai**. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

GELLNER, Ernest. **Nações e Nacionalismo**. Tradução de Inês Vaz Pinto. Lisboa: Gradiva, 1983.

GOODY, Jack. **O roubo da história**: como os europeus se apropriaram das ideias e invenções do oriente. São Paulo: Contexto, 2008.

HOBBSBAWM, Eric. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. Tradução de Maria Célia Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

IGLÉSIAS, Jéssica Alexandra Martins Teixeira. Da ostentação, luxo e poder à simplicidade do uso quotidiano: arqueologia e simbologia de joias e adornos da Idade Moderna Portuguesa. In: **Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses**, 2020.

JODELET, D. Representações Sociais: um Domínio em Expansão. In: Jodelet, D. (Org). **Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós estruturalista. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997, p. 14-36.

LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar, 2020. p. 52-83.

MORENO, Hortensia. Guerra y Género. **Debate Feminista**, vol. 25, 2002, p. 73-114. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/42624685>. Acesso 04 dez. 2024.

NASCIMENTO, Valdir Aragão do. O Periodismo e a Construção da Identidade Nacional Paraguaia no Decurso e no Pós – Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870). **Fronteiras**: Revista de História. v.18, n. 31, 2016, p. 393-414.

ORTOLAN, Fernando Lóris. “Acabou a Guerra... de volta ao lar” representação das mulheres na imprensa paraguaia durante e após a guerra do Paraguai 1864-1904. In: **Revista Ágora**, Vitória, n. 5, 2007, p. 1-19.

PATEMAN, C. 1989. **The Disorder of Women**. Stanford: Stanford University.

PEDRO, Joana Maria. As guerras na transformação das relações de gênero: entrevista com Luc Capdevila. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 13, n. 1, 2005. DOI: 10.1590/S0104-026X2005000100006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2005000100006>. Acesso em: 12 out. 2024.

PERROT, Michelle. **Poder dos homens, potência das mulheres? O exemplo do século XIX**. Cultura Vozes, v. 89, n. 1, 1996.

POTTHAST, Barbara. Algo más que heroínas. Varias roles y memorias femeninas de la Guerra de la triple alianza. **Diálogos** - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, vol. 10, n. 1, 2006, p. 89-104.

PRADO, M. Lígia C. **América Latina no século XIX: tramas, telas e textos**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2004.

QUIJANO, Aníbal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SCOTT, J. **Género e história**. México DF: Fondo de Cultura Económica, 2008.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Orgs). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro, Campus, 1997.

TILLY, Charles. **Coerción, capital y los Estados europeos 990-1990**. Buenos Aires: Alianza Editorial, 1993.

VASCONCELOS, Vânia. N. P. . Visões sobre as mulheres na sociedade ocidental. In: **I Seminário Internacional Enfoques Feministas e o século XXI**, 2005, Salvador. Enfoques Feministas e o século XXI: Feminismos e Universidade na América Latina, 2005. v. 01. p. 160.

FONTES

Periódico *El Semanario* de 31 de dezembro de 1853. n. 33. p. 1
 Periódico *El Semanario* de 13 de outubro de 1855. n. 126. p. 3
 Periódico *El Semanario* de 19 de agosto de 1854. n. 58. p. 7
 Periódico *El Semanario* de 19 de fevereiro de 1859. n. 257. p. 1
 Periódico *El Semanario* de 4 de agosto de 1866. n. 641. p. 5
 Periódico *El Semanario* de 1 de julho de 1865. n. 584. p. 4
 Periódico *El Semanario* de 25 de agosto de 1866. n. 644. p. 8
 Periódico *El Semanario* de 2 de março de 1867. n. 671. p. 1
 Periódico *El Semanario* de 2 de março de 1867. n. 671. p. 5
 Periódico *El Semanario* de 6 de julho de 1867. n. 689. p. 2
 Periódico *La Libertad* de 27 de abril de 1874. n. 40 p. 2